

FLOR do MAL

Cr\$ 1,00
Nº 4



Diário.

Há um sabonete na esquina do mundo, um sabo-

nete muito sôzinho derretendo-se, um sabonete virando água por causa do calor na esquina da rua 42.

Eu comprei um sabonete e coloquei no banheiro, ele é verde e tem muita clorofila. Gosto dele, ele esfrega-se em meu corpo e sua espuma é abundante.

As vezes dá vontade de comer o sabonete. Acho que isto é uma espécie de amor, amor desenvolvido em sociedade de consumo ultra-industrial. Mas chega de explicações, amor é cego, amo este sabonete e pronto!

Que bom que ele vem em série em superprodução. Assim há milhões de sabonetes, como se vê, o inconveniente da individualidade não existe. Outra maravilha destes tempos de produção industrial eletrônica.

A descentralização atinge o cerne da alma, e ela reage explodindo em todas as direções com alegria satânica reprimida por séculos de monoteísmo espiritual fruto de escassez. Hoje saúdo como num circo romano, com pose ateniense, a chegada do hedonismo libertário que chega acompanhado de ninfas e por um

cortejo de diáfanos rapazes de pele queimada e todos cobertos com coroas de louros.

O sabonete é um produto perfumado do reino dos sonhos dos marajás da Índia e dos loucos do deserto.

Quero também fazer uma declaração de amor para a coca-cola, que é um tubo vermelho, uma lata maravilhosa, um suco do paraíso que está sendo atualmente a bebida preferida de todos os deuses do Olimpo e dos deuses de todos os vudus, da África, do Caribe e do Brasil. 4 pessoas (sêres, para ser mais democrático e igualitário, daqui em diante não direi mais se são homens, mulheres ou outra coisa, direi que são sêres, pois esta é a nova nomenclatura) estavam reunidas comendo *hamburguers* numa sala que tinha uma luz somente encravada no teto. Luz branca e fria, direta e concisa como a arquitetura funcionalista da Suécia.

Depois nós fomos ver um filme de Andy Warhol e depois tomamos urinar no banheiro, e depois bebemos

coca-cola, e depois nos banhamos com sabonetes verdes que foram se derretendo à medida que nossos corpos eram esfregados por estes sabonetes maravilhosos como se fossem pedras verdes talismãs. E depois a noite caiu em perspectiva azul sobre Nova York como somente isso já fosse um poema de ternura arduamente conquistada nesta cidade de labirintos tortuosos, angústias expressionistas de vampiros e verão infernal, oh! a ternura que brota de tantas carnes nuas desintegradas, despedaçadas, brilhando depois do banho com sabonete verde! A verdadeira Paz coletiva somente acontecerá quando a ONU pregar o amor coletivo.

Continua o meu deslumbramento pelos sabonetes verdes e pela coca-cola. E sob um outro ângulo pela matéria plástica que como um imenso tapete mágico cobre todos os países. Não percebem que esta é a essência do futuro que já é contemporâneo? Que esta é a ideologia do atual vertiginoso? A polícia chega nos lugares rapidamente, os sabonetes estão empilhados em enormes caixas dormindo esperando que alguém os use sensualmente no corpo. As coca-colas sabem que serão bebidas. E a matéria plástica multiplica-se.

Estou perto do parque cujas árvores derrubam folhas que caem nas cabeças dos esquilos. Não há possibilidade de um lugar mais prenhe de fogo do que um bar chamado Sanctuary que é uma *discothèque* construída numa ex-igreja. Há um Satã pintado de vermelho logo na entrada, os sêres requebram *soul* num imenso lugar cercado de vitrais coloridos. Não há possibilidade de tédio quando o tédio se transforma em ação. Quatro aviões a jato roncaram ao lado dos dragões que dormiam em ocultas nuvens atrás da Catedral. A chuva chegou como num germânico, ciprestes, romantismo, intuições do terrível.

E eu cantei no banheiro esfregando-me com uma partícula de sabonete verde, eu sentindo-me bem ao sentir-me partícula de coisas (embriaguez da liberdade radical) enquanto chovia lá fora e os outros sêres dormiam e eu cantava meu último *soul music*.

JORGE MAUTNER

54

ROTEIRO TURÍSTICO DO RIO

Vício: estou começando a pegar o
jeitão largadão de Ascenso Ferreira
e sei imitar perfeitamente a voz de
João Cabral de Mello Neto no seu
disco de poesias — o mar é uma
montanha regular redonda e azul mais
alta que os arrecifes e os mangues
rasos ao sul — estou denunciando
j'accuse meus primeiros traços senis,
cumpadre... mal da latinidade... e o
rock come sôlto lá fora.
deixou sua cidade natal pra descobrir a
beleza e a vida da Cidade
Maravilhosa, maravilhas que um
interiorano vê na praia de Copacabana
— línguas vivas da travessa do
Mosqueira (assanhada / bruaca
muito ordinária / cachorra corrida /
pendurada nos bigodes dos soldados /
mas não anda, como a tua, agarrando
os homens na rua / é porque passou
por perto da tua que só toma banho
uma vez por ano / murrinha de
gambá com zorrilho / perfumes / lavar
roupa linguaruda / língua de cascavel
/ língua de veludo). Ninguém foi lá
restando inteiro: divisa
assinalada.

RIO DE FOGO.

menino frequentador galinheiros
trocador revistas porta cinema olhador
fotos seriados pessoa
comum legião sub-heróis romances Zé
Lins Rêgo — EU QUERO A
GERAL — nenhuma família
reconhecerá minha foto — punhal
legítimo de família pernambucobaiana.
Miguelin: — Dito, você vem me ver
lá do estrangeiro?

Nossos temperos resistem no estrangeiro?

Receituário — pra fazer calda botar açúcar no fundo da panela. Meu coração querendo saltar fora do peito.

Aviso: se avistarem um coração solitário por aí saltando vivo fora do corpo solitário por aí favor devolver no meu endereço sito na Rua do Sobe e Desce número que não acaba nunca. Pai brasileiro: justiça está aí pra ser cumprida (apresentador de TV aperta mãos pai brasileiro).

osso do meu osso e carne da minha
carne, pode ser chamado homem porque
nasceu de mulher. equação, tela de
possibilidades, screen of possibilities.
perdida inocência do jardim do EDEN.
A candeia acesa / janela iluminada /
qualquer momento a noiva pode
retornar. Ele me dizia ter medo eles
não fizessem um mero exame mas
aplicassem eletrochoques / o gênio
tomava um negócio pra cristalizar
seu cérebro. Utilizo uma linguagem
gasta — embriaguez etc. — e adquirir
por mim mesmo direito de escrever
na frente de todos e em qualquer lugar
como um mestre: o artista nasce da
embriaguez: confissões de um velho
escritor: a realidade não me contentava
busquei consolo na literatura. Suicídio
banal do poeta no viaduto do chá
paulista como um homem comum:
tradução da brava alegria de Cesário...
um escritor que passasse toda sua vida
recolhendo frases banais, qualquer
frase. Eu virei um sapo um sapo pula
delirando o médico de loucos, situações
banais. Que alegria existe em criar um
messias caminhando com passos
inseguros nestas veredas de pus?
Que alegria existe em criar? Que alegria
existe em criar nestas veredas de pus?
Um poeta é um cara de infinita tristeza.
Dentro do carro, por exemplo, a luz
do óleo se acendendo e se apagando,
pingos no pára-brisa, o barulho do
motor... imagens fraternas —
criaturas das telas — semicírculo
lareiro — piano em surdina. Solidão
amiga. Tempo. Hertz transitor:
conselho — nas horas de desespero,
meu amigo... hora do angelus...
compreendendo os sentimentos
religiosos do povo de nossa terra...
Velho leão precisado de fé —
montanhas removem fé — velho leão,
necessito de recauchutagem — FÉ
— FÉ.

Poder escrever com inocência (ausência de amigos em férias em viagens de negócios vez em quando doentes) mocidade (risadas trocadilhos conhecer tôdas as cozinhas ser dono de um apetite imenso).

Terceiro relatório do Agente Secreto LONGHAIR: — **Mulheres públicas, sêlo de navalha. Derramamentos de creolina nos sacos de frutas ou gêneros expostos a pedradas nas vitrinas arremessos de mechas inflamáveis para dentro dos balcões. cafunos. Aparecer, ter cartaz, figurar em manchetes de jornais e revistas. isso é o que deseja certa categoria de gente. ciência arte bravura esporte. malandro não atinge fama a não ser pela desordem e o crime, capadocismo. covis, hordas da malandragem. sonho de ser Átila Rei dos Hunos: cara de sarará carioca amasiado com uma prestigiosa macumbeira. famílias distintas. equipes de mulheres, mulherio multiforme nas calçadas. Cantora gostosa. classificação do submundo. luto por uma classificação do submundo: categorias**

submundo: categorias
1º, 2º, 3º classe; (*)
fichadas no cadastro policial.
Admiro as meninas que fogem com
os namorados. Larápio Capistrano
Logreira. Poesia declamatória. Larápio
conduzia as môças de família aos salões
de baile.

APARÍCIO LOGREIRA (bigode de guias rebeldes, o velhote não cai dos patins) vitupera: — A imperfeição é inimiga da perfeição. Assumo a ousadia

**de lançar agora um lema que norteará
nossa conduta doravante: FAZER
DAS TRIPAS CORAÇÃO.**

Contribuamos, pois.

Invocação à loucura — fazer as coisas sem retocar porque na hora do mais forte eu vou ter que me calar mesmo. coma insulínica.

Os que estão na Glória vão se campar ainda mais.

Soltando labaredas pelas narinas e pelos olhos, berra o escritor num comício reivindicativo: eu sou um escritor estou louco eu sou um escritor as pessoas estão desconfiadas de mim eu sou um escritor elas percebem antes o saque que ainda não cometi. Um local solitário e calmo para minhas leituras.

Me abstenho hoje de fazer qualquer censura — preparar uma reforma econômica / espiritual — um reino macrobiótico — a tomada do poder pela igreja metodista — substituir as qualidades negativas pelas qualidades positivas. Já não conheço mais os traços do meu rosto SENHOR

eu sou o mais humilde dos seus servos
nada mais se esconde sob êste nome
WALY DIAS SALOMÃO não
tenho nenhum mistério não aprendi
nenhum truque nenhum grande
segrêdo do eterno não tenho nada a
preservar — instituído território livre
no meu coração: o artista nasce da
morte. Balança de Salomão anel de
Salomão signo de Salomão provérbios
de Salomão sabedoria justa equidade

de Salomão breves discursos morais do sábio acêrca de vários assuntos convite exortação da sabedoria aquisição da sabedoria. Nossa Sra. Aparecida, padroeira do meu mês / país.

TEMPLO DE SALOMÃO.
Sonho infantil: eu era composto de ouro maciço. Banquete da sabedoria.
Hora do nascimento: 5 horas da manhã.

Local do nascimento: Rua Alves Pereira 14 — sede do município de Jequié Bahia. **Atenção:** coloca-se à venda para o consumo uma imagem externamente bem conservada sem necessidade de maiores reparos bons dentes etc. etc. **Epitáfio** — A exploração literária da sua vida o preocupou de maneira obsessiva. Poeta do Monte das Oliveiras. Mirko

no Monte das Oliveiras: — Minha alma está triste até à morte, uma nova chance para os auditórios, uma nova chance para o auditório que cantou certo e não desafinou, os candidatos tremendo de medo, a justiça do auditório, é preciso dar nota, entrando

numa casa cumprimentar primeiro o dono da casa. o calouro pode estar seguro de que o júri hoje está composto de pessoas humanas e simpáticas. nota e comentário dos jurados. vamos às notas dos jurados. corpo de júri. programas de julgamento. sapateado atrapalhou. o candidato teve que pular o fio do microfone. o centro do espetáculo é o júri. dureza. hora melhor de criança é da meia-noite às sete da manhã quando está dormindo. nas nossas tevês exaltação do cara de pau. nas nossas tevês o reinado dos regionais. assunto pra coluna jornalística de crítica de TV. honrar a cadeira em que está sentado.

Confissão auxiliar radiouvintes
labiríntico seriado POETA LOUCO
— retorce entortecido plástico lápis /
tinta — (terminando assoar nariz ou
mandar pó pra acender máquina)
repórter policial esfrega patas
superiores — telefones retinem sala
redator-chefe — corre-corre corredores
edifício — DESVENDADO caso
luzes misteriosas cegaram agente
segurança (exibe vitorioso recorte
jornal véspera): — EU SOU POETA
LOUCO APEDREJADO CALÇADAS.

LOUCO ALEGREDAO CALÇADAS.
(Súspira aliviado coração nacional).
Sou um camaleão: cada hora tiro um
som diferente, espécie de Himalaia
Supremo da Cultura Humana: um
Corpus Juris Civili qualquer (confirmar)
depois se Civili se escreve assim ou
não).

As pernas bambas de quem vai ser
prêso, artista andando de casa em
casa mostrando o rosto e dizendo: —
estou embriagado estou embriagado.
pessoa falar assim e escrever assim
(celui qui doit mourrir) não vai
mais poder olhar as outras pessoas não
pode mais viver (caneta na mão e
caderno em cima da perna dentro do
ônibus), e se alguém assim levanta a
mão do cadêrno e vem falar de suicídio!
sofrimentos do jovem Werther, estou
propondo agora o suicidio coletivo,
qualquer filme no gênero Eu contra
o mundo.

Você sabia? Você sabia que o último longplay de Caetano Veloso em 1968 ia se chamar Boleros & Sifilização? (minha memória não pode precisar mais com fidelidade / certeza).

DO IT DO IT DO IT DO IT DO IT
DO IT DO IT DO IT DO IT DO IT

Velho papo do intelectual
 de minha cidade interiorana natal
 que falava em italiano o lema: traduzir
 é traír.

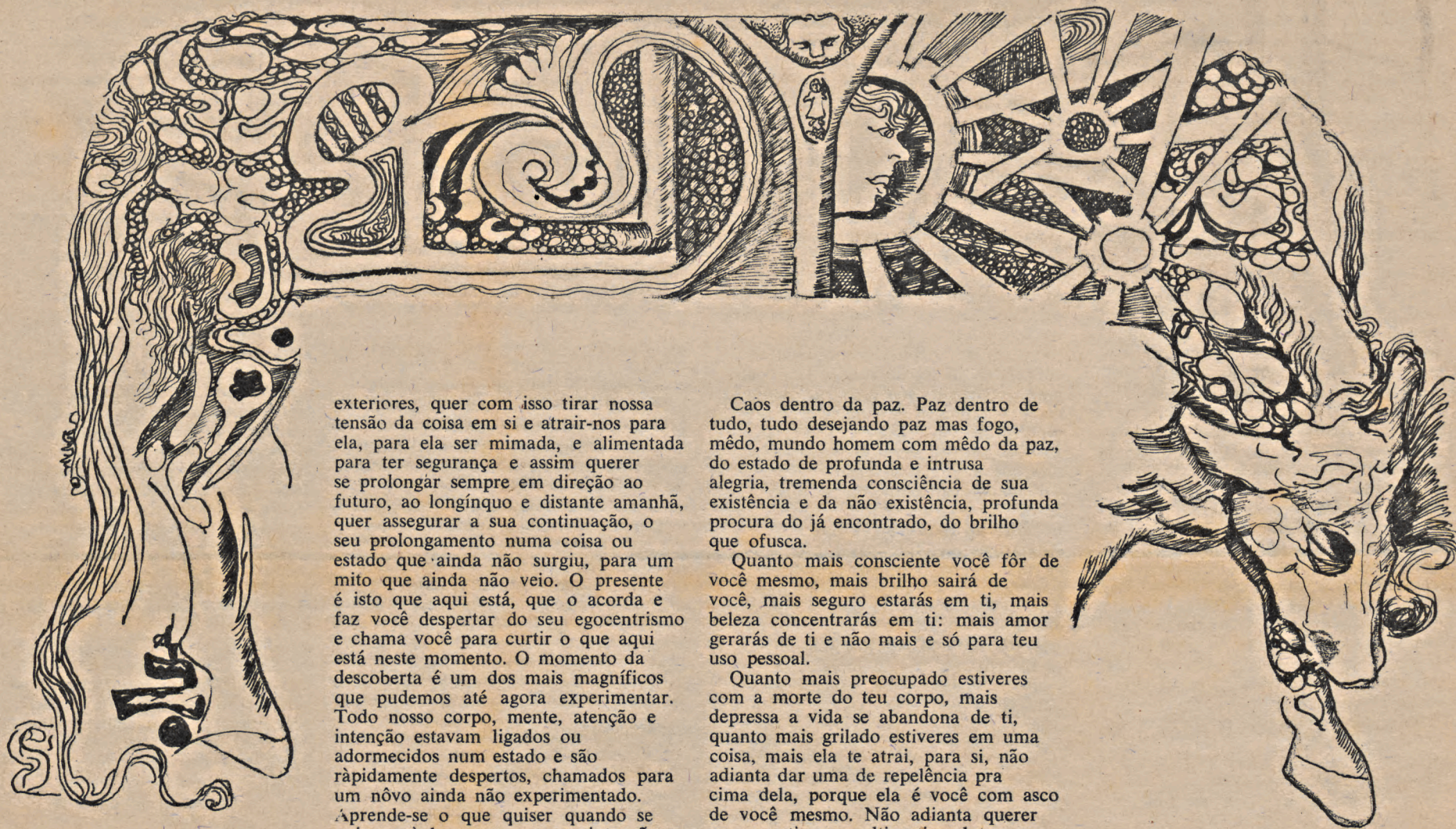


FOTO: IVAN CARDOSO

WALY SAILORMOON

(No próximo Nº, prosseguimento
dêste folhetim com a TERCEIRA
MARGEM DO RIO.)

O LABORATÓRIO SOU EU



exteriores, quer com isso tirar nossa tensão da coisa em si e atrair-nos para ela, para ela ser mimada, e alimentada para ter segurança e assim querer se prolongar sempre em direção ao futuro, ao longínquo e distante amanhã, quer assegurar a sua continuação, o seu prolongamento numa coisa ou estado que ainda não surgiu, para um mito que ainda não veio. O presente é isto que aqui está, que o acorda e faz você despertar do seu egocentrismo e chama você para curtir o que aqui está neste momento. O momento da descoberta é um dos mais magníficos que pudemos até agora experimentar. Todo nosso corpo, mente, atenção e intenção estavam ligados ou adormecidos num estado e são rapidamente despertados, chamados para um novo estado não experimentado. Aprende-se o que quiser quando se quiser e à hora que a nossa intenção se dirigir totalmente para a coisa, objeto ou ser que mais o está atraindo naquele exato momento. A gente entra por dentro das coisas, e chega até suas vísceras e ultrapassa a si, mesmo chegando ao estado de auto-superação. Isto é um estado de autocompetição, estamos gerando uma batalha em nós mesmos, contra nós mesmos.

No momento em que nos levantamos contra nós mesmos e contra a nossa melhor maneira de curtir o viver, criamos a luta interior que nos leva à perda, à confusão, ao desencanto até o desespero. No momento em que sei como sou, e porque sou e me olho como sou sem aprovação negativa ou positiva, entro numa de estudar imparcialmente a mim mesmo, curtindo as minhas reações, curtindo uma de cientista que curte ciência, descoberto no seu próprio corpo.

Sou meu cientista, meu laboratório, sou minha cobaia. Sou tudo dentro de mim, sou nada dentro de tudo. Sou espelho límpido e claro das coisas que em mim estão, e passam em cada segundo eternidade. Sou o desespero e a dor, sou a paz e o silêncio. Sou tudo de um e do outro lado também. Sou tudo sou nada. Sou burro demais para saber da minha ignorância, sou humilde demais para saber dela.

Sou ignorante porque nada sei, até o momento em que sei tudo dentro da ignorância.

Inteligência e ignorância, duas palavras para um mesmo estado.

Duas palavras para um mesmo estado. Dual-dualidade unidade conjunto. Conjunto harmonioso e completo, vibrante profundo em sua consciência de unidade.

Amor dentro de morte e vida, estado de ser dentro de vida e de morte. Morte dentro de vida, vida dentro de morte, um dentro do outro, você dentro de mim, mas às vezes sem mim. Loucura dentro de sanidade, sanidade dentro do delírio total, estático, aterrador. Harmonia dentro de si e do mundo, mundo turbulento dentro da harmonia universal.

Caos dentro da paz. Paz dentro de tudo, tudo desejando paz mas fogo, medo, mundo homem com medo da paz, do estado de profunda e intrusa alegria, tremenda consciência de sua existência e da não existência, profunda procura do já encontrado, do brilho que ofusca.

Quanto mais consciente você for de você mesmo, mais brilho sairá de você, mais seguro estarás em ti, mais beleza concentrarás em ti: mais amor gerarás de ti e não mais e só para teu uso pessoal.

Quanto mais preocupado estiveres com a morte do teu corpo, mais depressa a vida se abandona de ti, quanto mais grilado estiveres em uma coisa, mais ela te atrai, para si, não adianta dar uma de repelência pra cima dela, porque ela é você com asco de você mesmo. Não adianta querer me repartir ou multipartir e lutar, ou melhor, alimentar luta entre os milhares de caquinhos que ficaram de mim.

Eles não formarão um todo porque estão muito preocupados com as suas vidas pequenininhas, solitárias e mirradinhas.

Você passa a ser tudo quando se lembra que o mundo existe, existe mesmo com ou sem você, para você, mas não só pra você, também favorece você, também vibra em você e por você, sem exigir qualquer pagamento, qualquer conta bancária como depósito ou fiança. Ele gera em você, pra você e por você, quer você queira ou não, enxergue, ame, odeie, chore ou lastime, ou sorria. Ele sempre esteve em você, nunca esquece de você, você é que se esquece dele.

Ele emana, flui dentro de você sem forças, sem grilar, sem empurrar, ele apenas flui, você aceita ou não, entende ou não, saca ou não, curte ou não, ama, vive e morre e segue ou não. Tudo depende inicialmente, primeiramente e profundamente a partir de você, mas não para você como unidade e sim para você como universo, daí parte o que você chama de "sua" vida, mas que é somente um empréstimo compulsório, que lhe será retomado daqui a algum tempo, você mesmo quererá entregar para que "outro você" se beneficie com isto, assim como você acabou de fazê-lo.

"Nosso" tem o vigor e o sentido de descentralização, tem o significado de universalização dos mais ínfimos centros centralizados.

O centro gera para as bordas assim como elas alimentam e irradiam para um centro que pode estar aqui ou aí, aí ou além de mim, você e nós todos. A intensidade da sua direção, da sua intenção gera a energia necessária ao entendimento, ao descobrimento do seu centro e do não centro.

Energia que ora alimenta, ora constrói, cria, recupera, reativa, cura, irradia, vibra e emana de todos os centros, em todos e por todos os poros, por todas as dores e alegrias, tristezas e profunda paz. Tudo fluindo da melhor maneira, da mais profunda maneira,

Sexo é uma questão de gozo pessoal, íntimo, transferível somente em pequenas doses e para pessoas cada vez mais raras. Parece uma energia que vai rarificando, que vai se exaurindo dentro de si mesma. Parece uma força, encaminhando somente para si mesma, como uma cobra que morde o próprio rabo para não gastar energias com outras coisas que não façam parte do seu corpo, ou não tenham relação consigo.

Após a sensação de tensão que é a preparação para o gozo entramos numa de nos relaxarmos lentamente, profundamente e quanto mais lenta mais satisfação nos traz.

Yoga tem muita relação com sexo, ou melhor, com prazer, é algo que nos faz bem, que nos revitaliza, que nos induz a um estado de leveza, de purificação. Dependendo da profundidade do gozo nós nos sentimos mais ou menos recompensados em relação ao esforço despendido pelo esforço requerido pelo ato em si. Curtir a do sono quando percebi meu corpo adormecido, mas minha mente em pé, atenta para si mesma, e para os objetos, coisas seres localizados fora dela.

A mente é uma força centrífuga, pois atrai para si as demais coisas

de serem para tudo fora de si e do centro que tenta limitar, individualizar, abranger ou mesmo corromper, sugar.

Portanto pense, haja, seja como quiser que você quer ser, para o nosso bem mais profundo, para o nosso melhor entendimento e entrega interpessoal, interuniversal, universal, intergalaxial, anos-luz-de profundo amor sem medos ou receios. Sou por você e pra você em tudo e em todos os outros que nós somos, por quem somos e pra que somos.

Sou a mão que abraça e a que se despede, porque se despede com um abraço, com um beijo, uma carícia, um afago.

Sou o lábio que morde e suga e o que alivia e acalma.

Sou a voz que clama, grita e desperta, sou a mesma que embala, que vela, que adormece.

Sou suas dores nas minhas alegrias, sou encontro dos seus desencantos, sou procura do não achar. Sou vida que vai por aqui pra aí antes mesmo de por aí pintar, antecede a manhã, por velar a noite, sou as trevas por amor da claridade.

Sou morte por amor à vida, na vida que é tudo e a um só tempo não é nada.

NANDO

HELIO TAPES

2

Haroldo — “Esse é um fragmento justamente das galáxias, no qual eu vejo uma carta-relação, em torno da linguagem, com um tipo de visão que eu encontro nos trabalhos do Hélio; é uma busca de alguma coisa, de alguma coisa “entre”, de uma coisa que fica entre o visível e o invisível, alguma coisa que fica “entre”, não é isso nem aquilo, está entre os dois, né”.

Hélio — “É, isso eu sinto muito em relação a todas as coisas, como se fossem as coisas assim pelas frestas, pelos perfis”.

Haroldo — “Pelos perfis? Sim, muito bonito”.

Hélio — “Meu trabalho tem muito isso”.

Haroldo — “Frestas; são frestas”.

Hélio — “Sabe o que estou fazendo? Estou anotando aqui pra saber as coisas: que dia, que hora; que horas são agora?”

Haroldo — “São 3 horas”.

Hélio — “Você sabe, tinha um negócio que eu estava lhe querendo falar; se lembra que no **Inferno de Wall Street** tem um negócio que diz assim: “Templo de Kun, 666” que era difícil de descobrir; olha, eu sei o que existia, qual era a parte de Nova Iorque; você sabe que o 666 que existe agora é um dos edifícios mais famosos; na época esse edifício não existia, mas o lugar já devia existir, que é 5ª avenida com a rua 53, é chamado “top of the sixes”, que é 666, 5ª avenida; chama-se Tishman Building, mas é mais conhecido como 666; tenho impressão que anteriormente deveria existir ali, alguma coisa assim como um clube de **businessmen** que agora se chama 666 ou “top of the sixes”, apesar do edifício ter outro nome; quer dizer, ficou um apelido que havia; então eu estava pensando em consultar uma amiga minha, Dore Ashton, crítica de arte, que escreveu um livro sobre Nova Iorque, e fez uma pesquisa enorme, e eu tinha pensado em uma consulta sobre isso: ela tem uma bibliografia enorme sobre Nova Iorque; o que existiria nessa época naquele lugar. entende?”

Haroldo — “Esse número, 666, faz lembrar da besta do apocalipse, né, tem uma ligação, mas deve ter uma referência concreta, como ele faz constantemente, com palavras e tudo; ele pega o “urso”, que na bolsa significa invasão da bolsa, aquele sujeito que vende a série de bilhetes antes de ter ganho, o “urso”, que era o especulador, ele usa o urso como símbolo da constelação das ursos. Como símbolo de Nova Iorque, etc., em vários sentidos; tenho a impressão que você pode ter razão”.

Hélio — “Agora, o que eu não sei é se aquela parte, na rua 53 onde tem o Museu de Arte Moderna, não sei, mas já deveria existir alguma coisa lá”.

Haroldo — “Ele fala na 5ª avenida toda hora, né”.

Hélio — “5ª avenida começa da Washington Square pra cima; a região de Wall St. existia antes, mas isso era

muito antes; por ali não existia nada, era muito antes; por ali não existia nada, era um alagadiço, depois é que...; sabe, quando no museu eu estava fazendo os ninhos, alguém falou assim: é logo ali, no 666, eu disse: six, six, six, então é Sousândrade, foi aí que eu pesquei”.

Haroldo — “É bem provável, bem provável”.

Hélio — “Então disseram, aquele edifício é chamado “ton of the sixes!” é um edifício enorme, novo, deve ter sido construído depois dos anos 40; de modo que eu queria saber o que é que existia antes naquele lugar.

Haroldo — “Isso é interessante, fazer essa pesquisa; o que me mostra isso, é que a pessoa vive em Nova Iorque, o Sousândrade é um poeta que quase significa assim algo que vive; eu me lembro que quando visitei a Itália pela primeira vez, eu ia à cidade e via os cantos de Ezra Pound nas coisas, na vida, na Torre de Pisa; justamente isso em Nova Iorque sente-se a presença de Sousândrade, inclusive no estilo montagem, porque Nova Iorque é a cidade da montagem”.

Hélio — “É; sabe de uma outra coisa, p. ex, tem uma hora que ele fala **pear-soap**, não é **pear** (pêra; pronúncia “pêr”) mas **pear** (pronúncia “pier”), que é uma marca de sabão”.

Haroldo — “É um sabão de pêra”.

Hélio — “Mas não é: é um sabão que parece phebo; é um sabão marrom transparente que antigamente usavam pra lavar roupa; ele relaciona isso com **washing-women** (lavadeiras) ou uma coisa assim; então achei engraçado isso, pois talvez se relacionasse com pêra, mas talvez fosse com **pear**, que é inclusive um nome judaico”.

Haroldo — “É muito provável”.

Hélio — “Esse sabão vende muito no Village; tem assim um floreado, como sabão antigo brasileiro”.

Haroldo — “Tem um outro nome que aparece lá, que uma amiga aqui em Nova Iorque me elucidou, que é mais ou menos nesse sentido: **liederkranz**, que nós não sabíamos o que que era, e ela vivia passando por uma mercearia e viu um queijo que tem a marca “liederkranz”, que é dos mais antigos que eles faziam, e cuja fábrica era de uma família das mais antigas de Nova Iorque; de modo que quando ele falava em “liederkranz”, ele se referia àquela família, ou ao tipo de queijo”.

Hélio — “O que provavelmente era as duas coisas”.

Haroldo — “Eu vi a marca, toda floreada; marca de queijo”.

Hélio — “O que provavelmente era as duas coisas”.

Haroldo — “Eu vi a marca, toda floreada; marca de queijo”.

Hélio — “Por isso é que quando vi, ele dizia **washing-women**, nem **pear-soap** pode tirar a marca do dólar, pensei nisso”.

Haroldo — “O problema do Sousândrade muito importante (e nesse particular ele foi um antecipador da poesia moderna): da técnica de montagem do Pound, e até do

próprio Mallarmé, que dizia que via num jornal cotidiano, que a maioria dos enciclopédicos devem ter ali o grande livro deles; o Sousândrade quando escreveu **O Guesa**, a sessão justamente de **Wall St.**, ele se inspirava no dia; fantástico, ele dizia: “estou escrevendo este capítulo sob a impressão que causam os jornais de Nova Iorque”; os acontecimentos não eram uma coisa arbitrária, ele próprio sabia o que estava fazendo; e ele fez um processo elementar; Rainha Vitória, a vinda de Pedro II aos Estados Unidos, o que ele via em jornais: as notícias, de um determinado crime acontecido no parque, ele tirava com citações dos acontecimentos da época, e as envolvia em citações históricas, mitológicas; é o processo com que aparecem as notícias nesse mosaico constelar que é um jornal moderno; o maior exemplo de poema surrealista é o jornal moderno; os jornais numa banca de jornal, uma loucura! A grande modernidade de Sousândrade é que ele sentia essa sintaxe de linguagem em 1870. **O Inferno de Wall St.** é tão moderno que não parece um poema, parece uma visão; o cotidiano é aí tão fantástico que não precisa inventar nada; ao expor o cotidiano em termos de poesia, a genialidade dele foi compreender a sintaxe desse cotidiano, na época do romantismo brasileiro, onde os poetas escreviam peças retóricas, oratórias, a linguagem dele era ininteligível para os mesmos, signo novo”.

Hélio — “No contexto internacional, ele fazia coisas que ninguém havia feito”.

Haroldo — “Mallarmé escreveu o **Lance de Dados**, em que ele se inspirou na partitura e na disposição tipográfica dos jornais, 20 anos depois da sessão de **Wall St.**, 1897”.

Hélio — “Mallarmé tem uma coisa: é assim como se fosse a culminância de um processo clássico de criação; ele foi chegando a uma coisa, num processo diferente: Sousândrade é como se fosse uma explosão, como você diz”.

Haroldo — “Sousândrade é brutal, fantástico; Mallarmé é um intelectual, como Debussy em música; Sousândrade é como música americana de John Cage, montagem brutal de pedaços macro-crus da realidade”.

Hélio — “Pensando também em Godard, e a relação com experiências como as de Julinho Bressane, Godard fica assim como a culminância de um refinamento intelectual, no que difere muito de coisa que acontecem no Brasil, que são como se fossem descobertas pela primeira vez: ao passo que em coisas européias, há culminância de processos, é diferente”.

Haroldo — “É; eu acho muito boa nesse particular uma coisa do Décio (Pignatari) sobre a poesia do Oswald (de Andrade), quando diz que a poesia do Oswald é uma poesia da posse contra a propriedade”, que a poesia tem contacto direto; passo que o europeu é uma poesia do decantamento de toda uma tradição; a poesia do

brasileiro é uma apropriação total da poesia num contacto direto por processos relativos diretos; daí a importância do conceito de **antropofagia** em termos culturais: uma devoração cultural, uma maneira de devorar os outros valores, mas do ponto de vista de uma cultura brasileira; isso é que é importante: modificando as relações: dando uma nova ordem nas coisas; isso é muito importante; isto é, não é uma transposição, mas uma renovação das ligações; como dizia o Oswald na prosa dele **Sócrates e Tarzan** e **Odaliscas do Catumbi**, são tipos de revelação que são feitos num contexto que é completamente diferente do contexto europeu”.

Hélio — “Nós falávamos no carro sobre o programa de televisão do Chacrinha; quer dizer, quando você compara a tv brasileira com a americana, em programas de auditório, em grandes shows, o Chacrinha é o grande palhaço da televisão, é o sujeito que levou a idéia de circo para a televisão, e isso tudo nasceu de um programa de rádio dele, que ele sozinho fazia: a discoteca do Chacrinha; ele tinha uma versatilidade, a ausência de meios o obrigava a inventar tudo; então quando mudaram para a televisão, ele percebe que a televisão é uma linguagem de fragmento; é o que se chama tecnicamente uma **linguagem metonímica**, isto é, a parte pelo todo; então ele usa um **dial** de telefone, como fantasia dele, ele usa o gesto, não é? O gesto como indicador de todo um processo; por isso o Chacrinha tem uma inteligência de **media**; ele compreendeu a televisão e levou a idéia de circo, que era admirada pelo Oswald, pelo Maïacovsky, uma coisa que para arte moderna tem uma enorme importância, a idéia do circo, não apenas como inspiração mas como momentos de improvisação e impressão; pode-se ver como, nas memórias de Maïacovsky e Oswald, o circo como adoração infantil, foi poderoso na arte deles; o Chacrinha tem essa inteligência, pegando o **media** de televisão, que é fragmentário, levando o circo para a televisão; e fazendo uma arte de vanguarda assim num nível de cultura popular; uma espécie de **brutalismo de vanguarda**; nele não há primitivismo, que é ingenuidade, mas um brutalismo, uma utilização constante e brutal do meio”.

Hélio — “Nesse sentido, as coisas feitas no Brasil, já têm um caráter **a priori underground**, no sentido em que o **underground** americano quer contrapor-se à cultura profissionalizada; foi uma coisa que nasceu para demolir o que Hollywood era: profissionalismo condicionado ao gosto do consumo; de repente foi preciso aparecer o **underground**, para outra vez as pessoas fazerem as coisas mais livres; por isso não tem sentido dizer **underground** brasileiro, pois em relação à cultura de consumo americano-europeia, a coisa já é automaticamente, aqui, **underground**.”

PÁGINA QUENTE

O NEGÓCIO É SABER OLHAR

cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote

cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote



cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote



cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote cine caixote 35 côres

DO MUNDO PARA O BRASIL
subterrânea

ESTRANGULADOR DE LOURAS
AMADORA DE SUICÍDIOS
LÁGRIMA PANTERA A MÍSSEL

PEDRO MILTÃO KILKERRY DIARAQUE

ANTI-PENSAMENTOS PT

ESTAMOS AQUI ONDE SEMPRE ESTIVEMOS VG NA OUTRA MARGEM PT NO
NAUFRA'GIO DOS IMPE'RIOS PT QUANDO NADA ACONTECE DENTRO TUDO ACON
TECE FORA PT QUANDO NADA ACONTECE FORA TUDO ACONTECE DENTRO
PT PARA QUE SE PRESERVE O EQUILÍBRIO DINÂMICO DA MANIFESTAÇÃO
PT AGORA E' O ETERNO PT E AGORA VG AGORA VG ETECETERA PT O
MESMO E DIFERENTE VG ANTES DO OUTRO PT PASSADO VG PRESENTE
VG FUTURO ESTÃO (SÃO) COMPREENDIDOS NO (PELO) INSTANTE E-
TERNO PT A ILUMINAÇÃO NÃO EXISTE PT INFELIZMENTE NÃO SE PO-
DE REVELAR ISSO VG POIS SE O FIZERMOS VG AS PESSOAS JAMAIS AL-
CANÇARÃO A ILUMINAÇÃO PT O SEGRÊDO DOS ILUMINADOS VG QUE SÓ OS
ILUMINADOS SABEM VG E' QUE ÊLES NÃO SÃO OS ILUMINADOS VG E E' ISSO
QUE OS ILUMINA PT

OLHE VG OUÇA
VG TOQUE VG
CHEIRE VG PRO-
VE VG OLHE VG
OUÇA VG TOQUE
VG CHEIRE VG
OLHE E CANTE PT

NINGUÉM PODE CONHECER A VERDADE
PT SÓ A VERDADE PODE CONHECER A
VERDADE PT E A CONHECE PT A VER-
DADE E' NUA E CRUA PT AS COISAS
MAIS ASSUSTADORAS SÃO BELAS E
JUSTAS VISTAS DAQUI VG DA OUTRA
MARGEM PT

RIO VG 10/11/71 VG MACIEL PT



KODO KUWAJIMA MONGE E VIAJANTE

Kodo Kuwajima é um monge japonês de 27 anos que saiu do Japão em 1968, em peregrinação pelo mundo. A maior parte dessa peregrinação está sendo feita a pé. Ele só toma ônibus, trem ou qualquer outra condução quando arranja meios para isso. Durante esses três anos dormiu pelas ruas, pelas estradas, pelas praças, muitas vezes passou fome e foi agredido fisicamente várias vezes. Enfim, é uma viagem e tanto. Ele saiu do Japão com cinco objetivos. O primeiro era ter uma experiência de meditação e de vida monástica na Tailândia. O segundo era visitar os lugares santos budistas na Índia. O terceiro era cultuar a memória dos soldados mortos na segunda guerra mundial. O quarto era trabalhar no sentido da aproximação e do entendimento entre os povos, procurando ajudar o estabelecimento da paz mundial. O quinto objetivo era estudar e conhecer as várias culturas e costumes do mundo. Ele viveu primeiro, então, na Tailândia, depois foi para a Índia, atravessou todo o Oriente próximo, todos os países muçulmanos. Depois atravessou toda a Europa, visitou todos os países da Europa Ocidental, terminando na Inglaterra a viagem pela Europa. Da Inglaterra ele foi num cargueiro para os Estados Unidos, trabalhando a bordo pra pagar sua passagem. Passou algum tempo nos Estados Unidos e depois veio descendo pelos países da América Central. Entrou na América do Sul, visitando o Equador, Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai, etc. E há algumas semanas chegou ao Brasil.



FLOR DO MAL — Você hoje se sente uma pessoa diferente do que era quando deixou o Japão há três anos? Se é que agora você é uma pessoa diferente, em que consiste essa diferença?

KODO KUWAJIMA — Basicamente eu não mudei nada. Continuo a mesma pessoa.

FLOR — Você tem alguma idéia de quando pode terminar essa viagem? Existe algum plano pré-estabelecido ou você vai terminar essa viagem quando achar que deve terminar?

KODO KUWAJIMA — Eu não tenho planos de espécie alguma. Você tem algum plano sobre quando você quer morrer, ou quando você vai morrer?

FLOR — Eu gostaria que você falasse sobre a sua formação religiosa. Que tipo de formação religiosa você tem?

KODO KUWAJIMA — Eu não me tornei monge por vontade própria, mas por um costume do Japão em que a condição de monge é herdada de pai para filho. No início foi assim, eu me tornei monge por uma condição de família. Fui ordenado com oito anos de idade, quando ainda não tinha nenhuma possibilidade de optar por ser ou não ser monge. Mas agora eu me sinto muito grato por ter tido essa oportunidade de envergar o manto de monge. Inclusive, a condição de monge tornou possível essa peregrinação que eu estou fazendo pelo mundo.

FLOR — Por que que a condição de monge lhe permitiu isso?

KODO KUWAJIMA — Eu poderia ter viajado. Mas existe uma diferença fundamental entre uma viagem como um leigo, como uma pessoa do mundo, você, por exemplo, viajando com esses seus trajes, e eu viajando, envergando um traje de monge. Há uma diferença fundamental entre essas duas experiências de viagem.

FLOR — Você poderia falar sobre essa diferença fundamental? Os hippies, por exemplo, fazem a mesma coisa, só que usam cabelo comprido e você raspa a cabeça. Os hippies também viajam como você, passam fome como você, são agredidos na rua, como você.

KODO KUWAJIMA — Nesse nível em que você falou não há diferença. Mas na medida em que eu estou com esse hábito, há toda uma diferença subjetiva. Do meu ponto de vista não haveria diferença. A diferença seria possivelmente dos outros em relação a mim. Eu sou uma criatura humana exatamente como as outras. Se estou com fome, quero comer; se vejo uma mulher bonita quero logo dar em cima.

FLOR — Você poderia descrever uma experiência de iluminação sua?

KODO KUWAJIMA — A experiência de iluminação, se você quer conhecer, você mesmo terá que experimentar. Não adianta nada um monge lhe falar sobre isso. Eu posso falar, quando muito, dos métodos para se chegar à experiência de iluminação. Mas a experiência de iluminação em si está além das palavras. Eu posso te fazer outra pergunta. Você já foi a Marte?

FLOR — Eu não sei o que você está querendo dizer com isso. Mas eu posso responder. Eu nunca fui a Marte.

KODO KUWAJIMA — Então, está ótimo. É apenas isso.

FLOR — Você poderia falar alguma coisa sobre as sucessivas encarnações?

KODO KUWAJIMA — Eu não me interesso por isso.

FLOR — Por que você não se interessa?

KODO KUWAJIMA — Porque eu só me interesso pelas coisas dignas de interesse. A coisa que mais me interessa no fundo é mulher. Isso é a coisa mais natural, a coisa mais de acordo com a condição de homem. Vocês todos, aparentemente, parecem não querer nada com mulher. Mas no fundo todos vocês estão querendo coisa com mulher. Essa é a condição natural do homem. Todas as pessoas estão preocupadas com comida, com

sono e com sexo porque isso são as condições primordiais da existência humana. Se vocês souberem de qualquer coisa mais fundamental do que isso, podem me ensinar. Todos os desejos humanos partem desses três pontos.

FLOR — Eu tenho a impressão de que uma pessoa que é monge deve estar preocupada não com os desejos, mas com a atenuação do sofrimento que o desejo causa, ou qualquer coisa assim.

KODO KUWAJIMA — Quanto às angústias, quanto aos sofrimentos, o homem não pode se libertar deles enquanto não morrer. A condição humana está sempre ligada ao sofrimento, de uma natureza ou de outra. Existem vários níveis, várias dimensões do sofrimento, mas ele está sempre presente na nossa vida. Quando um determinado tipo de sofrimento se detém ou se extingue, a gente pensa: ah, nós somos felizes, estamos bem. Mas logo começa um sofrimento de outro nível, daí nova interrupção, nova sensação de felicidade. A vida é isso. É uma sucessão de bem-estar ou alegria e de sofrimento. No budismo se diz que a alegria é a semente do sofrimento e o sofrimento é a semente da alegria. Os dois opostos se complementam. Um é a raiz, o fundamento do outro. A terra é redonda. Se nós andarmos sempre pra direita vamos chegar num determinado ponto. Se andarmos sempre pra esquerda vamos chegar exatamente no mesmo ponto. Ou seja, os opostos se unem, se completam. Através dos opostos a gente chega ao mesmo lugar. Se vocês não acreditam nisso, experimentem dar a volta ao mundo de avião e vocês vão entender perfeitamente.

FLOR — Se você deseja uma mulher e não consegue ter essa mulher, qual é o sentimento que você tem?

KODO KUWAJIMA — Ver uma mulher na nossa frente, como nós estamos vendo a Temira, é uma experiência natural. Ver uma mulher e desejá-la, gostar dela, querê-la também, é uma sensação natural, inerente à condição humana. Mas a experiência humana é um conjunto de sensações diferentes que vão se sucedendo. Quando a gente vê uma mulher, a primeira sensação é: ah, eu gosto dela, eu quero ela. Mas depois poderão vir outras sensações, outros pensamentos, outras idéias. Agora, aquele que for incapaz de se controlar pela razão e tomar uma atitude inconveniente, agredir a mulher, etc. torna-se socialmente reprovável. Agora, se ele consegue colocar sua razão em funcionamento e ajustar o seu desejo pela razão, aí ele se torna aceito pela comunidade. Essa possibilidade do homem de ajustar o seu desejo, o seu primeiro impulso pela razão, seria, talvez, o ponto de diferenciação entre o homem e o animal.

FLOR — Até que ponto é importante a agressividade no homem? Atualmente o que mais a gente vê dentro do homem, na vida comum, é a agressividade. Eu gostaria de saber até que ponto essa agressividade deve ser levada?

KODO KUWAJIMA — A agressividade é uma outra condição natural da existência humana. Nós não podemos rotular isso de bom ou de mal. É uma condição natural que o homem tem e que deve assumir. No fundo nós não passamos de animais como os outros, só que a nossa animalidade tem algo talvez de mais desenvolvido, de mais perfeito. Mas nós não podemos negar essa nossa condição. Uma prova: a gente olha uma mulher bonita. Todo mundo deseja ela, todo mundo a quer. O que é isso senão a natureza basicamente animal do homem? A única diferença é que o homem tem algo que se chama razão, com a qual ele pode controlar, canalizar essa coisa animal. Se nós perdermos esse lado racional nós voltamos imediatamente ao mundo animal. Pra nós vivermos numa condição humana e não apenas numa condição animal, o mais importante é o autocontrole.

FLOR — Qual é a importância que a meditação teve na sua formação, como monge, e na sua vida?

KODO KUWAJIMA — É difícil falar sobre a importância da meditação. Em primeiro lugar, será que há uma importância mesmo? Em vez de entrar em explicações sobre a importância da meditação, seria mais interessante que você próprio tivesse uma experiência de meditação e procurasse refletir se isso tem ou não importância, qual é essa importância. Uma explicação mais concreta: a gente come, logo depois tem fome, come novamente. Comer, ter fome, comer, ter fome, uma sucessão. Dormir, acordar, dormir, acordar, outra sucessão. A meditação é a mesma coisa.

FLOR — Você está usando um relógio. Você faz tudo na hora certa e é por isso que você usa esse relógio ou tem outra razão?

KODO KUWAJIMA — Eu não me preocupo com hora nem com coisa nenhuma. Apenas, pode ser útil de vez em quando, então eu boto ele no braço. Está aí ou não está aí. Se perdesse não tinha importância nenhuma. Nem fui eu que comprei. Foi um devoto que me deu. Por mim eu não compraria.

FLOR — Ainda a respeito do relógio, você dá corda no relógio?

KODO KUWAJIMA — Mas é claro. Se eu não der corda no relógio ele pára. Se você quiser ir a algum lugar você não pode ficar parado. É preciso andar. Não tem nada de esquisito nisso. O que tem de esquisito é um apêgo ou uma implicância com a figura do relógio, que leva a fazer perguntas sobre ele.

FLOR — Eu queria fazer mais uma pergunta sobre o relógio, apesar de eu perceber que as perguntas sobre o relógio já estão enchendo. Mas a gente não está querendo brincar com você com essas perguntas. Nós estamos querendo saber que tipo de pessoa você é. Se é uma pessoa zelosa, disciplinada, ou se é uma pessoa mais esquecida. Isso é importante pra gente formar uma imagem concreta sua. Você nunca esquece de dar corda no relógio?

KODO KUWAJIMA — Muitas vezes eu esqueço. Mas a gente não vive se esquecendo das coisas primordiais? Nós todos estamos cansados de saber que vamos morrer. Mas será que vocês vivem permanentemente com essa consciência da morte? Não, vocês estão a toda hora se esquecendo disso. Esquecer é uma coisa natural. Ter uma coisa sempre em mente é outra coisa natural. Está aí novamente o encontro dos opostos.

FLOR — Na sua formação de monge você passou por uma disciplina muito dura, muito rígida?

KODO KUWAJIMA — Isso de ser muito dura ou não dura é uma coisa subjetiva. Um exercício pode parecer duro pra um, pode não parecer pra outro. Certas coisas que podem parecer muito duras pra você podem não ter sido duras pra mim. A vida é assim. Cada um é um universo diferente. Por exemplo: pra mim, fazer meditação Zen com os pés para cima é uma coisa muito cômoda, muito gostosa. Pra você pode parecer uma coisa muito dura. Agora, pra mim, correr longas distâncias é um negócio muito duro, o que pra você pode parecer muito fácil, muito bom.

FLOR — Eu gostaria de saber mais sobre a sua formação, sobre o seu treinamento de monge.

KODO KUWAJIMA — Eu passei por todas as experiências de meditação. Agora, nessas experiências estão contidos os dois opostos. Há um lado duro, penoso, mas há outro lado gostoso, alegre. O gostoso e o penoso podem parecer coisas opostas, mas no fundo é tudo uma coisa só.

FLOR — Você disse que um dos objetivos da sua peregrinação era oferecer a sua contribuição para a paz mundial. Eu quero saber se o problema da paz é o que você acha mais importante no mundo.

KODO KUWAJIMA — O problema da paz está além de qualquer discriminação entre importante ou não importante. A paz mundial seria um estado de prosperidade mútua. Um ajudando o outro a viver, a prosperar, a florescer. Em termos extremos, a paz mundial seria cada um tomar consciência de que só pode ser realmente feliz quando os outros são felizes. Nós não sabemos se a paz mundial será possível ou não, mas é uma esperança que todos temos dentro de nós. Assim como nós temos a esperança de viver uma vida longa, mas não sabemos se vamos viver uma vida longa. A gente tem essa esperança básica dentro da gente. É a mesma coisa. Todos nós devemos manter dentro de nós a esperança de conseguir a paz mundial. Não interessa se ela será realizada ou não. Mas essa deve ser a nossa linha básica.

FLOR — Você tem falado insistentemente em morte. Toda vez que você quer dar um exemplo você fala em morte. Por quê?

KODO KUWAJIMA — Eu não estou conscientizando nenhuma preocupação especial com a morte. Você é que ouvindo a minha fala se preocupou especialmente com o problema da morte.

FLOR — Eu sou quase capaz de jurar que você não conscientizou mas deve ter inconscientemente esse problema com a morte e isso se manifesta pelo número de vezes em que você falou em morte.

KODO KUWAJIMA — Não só eu, mas todos nós temos muito a ver com a morte. A morte é uma experiência de todos nós. É o outro lado da vida de cada um. Não há ninguém aqui que acredite que seja imortal. Mas a morte é uma coisa natural e racionalmente nós não deveríamos nem ficar tristes com a experiência da morte, mas a condição humana é tal que a morte nos deixa tristes.

FLOR — A maioria das pessoas não pensam no problema da morte, nem que vão morrer. Só pensam na morte no momento em que a morte aparece. Isso não será a atitude mais natural, mais saudável?

KODO KUWAJIMA — É uma das posições possíveis e aceitáveis.

FLOR — Ainda bem pra maioria das pessoas.

KODO KUWAJIMA — Eu acabo de receber hoje a notícia da morte da minha mãe. Aparentemente eu me mantenho calmo, bem disposto, mas por dentro é claro que eu me sinto triste. Quando eu recebi essa notícia, metade do meu ser se sentiu triste e metade não. A metade que não sentiu tristeza foi aquela cultivada pelo treinamento budista, pelo aprendizado de todas as teorias budistas. A outra metade que se sentiu triste é aquela ainda imperfeita, imatura, que ainda não conseguiu assimilar totalmente a meditação búdica. É muito natural essa dualidade, essa contradição. Em última análise, a minha tristeza não poderá ser entendida por nenhum de vocês, assim como a tristeza, os problemas de vocês, na sua essência, não serão jamais entendidos por mim. Cada um nasce sozinho, vem solitário ao mundo e mesmo que se una à pessoa que ele mais ama no mundo, a experiência da morte será pra ele uma experiência solitária. Cada ser humano é um ser que vive fechado na sua, e o outro não pode compreendê-lo nunca na sua essência. É claro que deve haver um esforço de compreensão e de comunicação. Mas devemos ter em mente que isso só vai até um certo ponto. Ao último extremo de captar a experiência subjetiva do outro você jamais chegará. Dando um exemplo mais completo, nós estamos todos aqui sentados. Você pode dar uma explicação racional e científica para o fato de nós estarmos aqui sentados. Mas será que isso esgota essa experiência de nós estarmos sentados aqui? Há uma série de conceitos que nós deveríamos eliminar no nosso vocabulário porque eles não servem para nada. Por exemplo: absoluto, perfeito, completo. Isso não existe. Só atrapalha. Se houver algo que vocês puderem dizer que está completo, que é absoluto, me ensinem. Eu quero saber.

FLOR — Eu acho que é um impulso natural no homem tentar satisfazer todas essas necessidades de beleza, perfeição, plenitude.

KODO KUWAJIMA — Uma afirmação peremptória de que não há nada perfeito seria cair novamente no mundo do perfeito, do absoluto, do completo. Eu não faço isso. Eu digo que eu acho que não há, eu sinto que não há.

FLOR — É aí que eu me encontro longe de você, porque eu acho que o sentido de tudo é haver.

KODO KUWAJIMA — É claro que o homem se sente imperfeito, incompleto e luta para completar-se, para aperfeiçoar-se. Mas como pode ser feito isso? O homem vive em comunidade, e uma experiência de aperfeiçoamento, de completamento só é possível em conjunto. Os homens se ajudam uns aos outros a se complementarem naquilo que eles se sentem insuficientes e promoverem, então, um estado de bem-estar e de florescimento de todos. Tudo isso parece muito simples dito em palavras, mas fazer isso na prática é que é difícil.

FLOR — Por que é difícil?

KODO KUWAJIMA — Se fôssemos fácil todo mundo já teria feito isso e haveria a paz mundial. É justamente por não haver paz mundial que todo mundo vive com a palavra paz na boca.

FLOR — Eu não estou dizendo que seja fácil. Eu estou concordando com você. Eu acho que é difícil e talvez impossível. Mas eu queria saber porquê. O que que impede que nós consigamos viver em harmonia e em paz?

KODO KUWAJIMA — É o egoísmo básico, fundamental, que todos nós temos e que se por um lado pode ser definido como natural, inerente à condição humana, por outro lado pode ser definido como não natural, anormal. Por isso nós não sabemos se é possível conseguir a paz mundial, mas todos nós devemos ter essa esperança e lutar por ela.

FLOR — Pode-se dizer, então, que tudo que existe no mundo e na vida de antinatural é produzido por uma coisa perfeitamente natural, que é o nosso amor próprio, o nosso egoísmo?

KODO KUWAJIMA — Você pode dar um exemplo de uma coisa antinatural?

FLOR — A guerra, por exemplo.

KODO KUWAJIMA — Será que a guerra é antinatural? Me parece uma coisa tão natural.

FLOR — A opressão, o domínio de homens sobre outros, por exemplo.

KODO KUWAJIMA — Mas isso é uma coisa naturalmente básica.

FLOR — Se nós chegamos à conclusão que essas coisas antinaturais são também naturais, então tudo é natural.

KODO KUWAJIMA — A palavra natural está sendo empregada aí num sentido bastante amplo. Veja, por exemplo, essa questão das guerras, das lutas. Você não vê isso no plano da natureza? Os animais disputando comida, disputando fêmeas?

FLOR — O antinatural de que se estava falando é exatamente uma degeneração disso. Uma guerra não é uma luta por alimento. Uma guerra é um plano calculado, determinado pra matar pessoas. O poder que um homem exerce sobre os outros não é o poder que um animal maior exerce sobre um animal menor. É um outro tipo de poder, é um poder organizado. Isso é que seria antinatural, então. Agora, se isso é natural também, a gente chega num ponto em que realmente o budismo, pelo menos o seu, começa a colocar tudo numa indiferenciação absoluta, começa a se aproximar do niilismo.

KODO KUWAJIMA — Mas é claro que há várias dimensões nesse conflito. O conflito entre os animais é uma coisa, o conflito entre os homens, que são seres dotados de razão, é outra coisa. O que não se pode negar é que todo ser está predisposto a entrar em conflito. A diferença é que o homem tem a capacidade de controlar isso pela razão. Dois homens podem desejar



a mesma mulher e podem controlar esse instinto básico para evitar um conflito. Essa possibilidade de um controle é que estabelece a diferença entre a condição humana e a condição animal. Colocando provisoriamente essa diferença de lado, em termos de análise, nós vemos que uma tendência a um conflito é algo que encontramos tanto entre os animais quanto entre os homens. A única coisa básica é a seguinte: o sujeito nasceu e está aí vivo. Não interessa porque que ele nasceu. Vamos deixar isso de lado. Então, ele toma consciência do fato dele estar vivo e quer sobreviver. Esse espaço que vai do nascimento até a morte é o espaço em que ele fica pelejando pra sobreviver. Esses instintos básicos para a sobrevivência são pontos de partida pra outros instintos secundários, que podem levar a conflitos, a guerras, à opressão.

FLOR — Eu posso dizer exatamente o contrário. Em vez de haver um instinto que começa a gerar o conflito, a guerra, etc. e que a gente use a razão para controlar isso, na verdade, não existe nenhum controle de razão, que isso seja um mito e que a razão entre pra perverter aquele instinto original. Eu teria uma maneira de ver completamente oposta à sua. A razão não está disciplinando nada, está pervertendo as coisas. A razão é que faz que, em vez de lutarmos como dois animais, lutemos como dois humanos.

KODO KUWAJIMA — Os dois opostos se complementam. O que você diz também é válido.

FLOR — Como é que você faz para durante a viagem se manter sempre com a cabeça raspada?

KODO KUWAJIMA — Eu raspo a cabeça quando tenho dinheiro pra ir no barbeiro. Eu poderia cortar o meu próprio cabelo, mas é perigoso, eu posso me machucar, cortar a cabeça. Quando eu não tenho dinheiro eu deixo o cabelo crescer. Quando eu tenho dinheiro eu vou no barbeiro e corto.

FLOR — Tem algum significado simbólico essa cabeça raspada?

KODO KUWAJIMA — É um símbolo de desapego às coisas profanas. Ter um cabelinho comprido, cultivado com pomadinha, seria um apego. É claro que isso é uma coisa simbólica, só.

FLOR — Eu queria saber porquê. O meu cabelo comprido também é um sinal de desapego. Eu não penteio sempre. Ele fica assim.

KODO KUWAJIMA — Pode haver vários símbolos para sugerir a mesma coisa. O próprio Buda não raspava a cabeça. Ele tinha cabelo comprido como vocês.

FLOR — A cor do seu hábito tem alguma importância como simbolismo?

KODO KUWAJIMA — No Japão o preto é o símbolo da pobreza, da simplicidade. Os monges do Japão têm hábitos de todas as cores. Eles vão mudando de cor conforme a posição a que vão ascendendo. O preto é exatamente a cor da humildade, daquele monge que está por baixo de todos, que ainda não subiu.

FLOR — Essa confissão pública de humildade não é uma espécie de exaltação?

KODO KUWAJIMA — Pode ser que as pessoas pensem ou sintam assim. Cada um é livre de sentir como quiser. Mas todos nós não temos, de uma certa forma, uma maneira diferente de se apresentar, uma roupa diferente e isso não pode ser interpretado de mil e uma maneiras pelas outras pessoas? Por exemplo: no Japão certas profissões, como motorista, cobrador, têm uniforme. Muita gente é indiferente a isso e outras começam a implicar: aquele cara pensa que é o tal, etc. O hábito é um uniforme como outro qualquer. É uma aparência exterior, uma coisa secundária. O que importa não é o hábito, mas o que a pessoa seja internamente.

FLOR — No Brasil nós temos um provérbio popular que diz que o hábito não faz o monge.

KODO KUWAJIMA — O que importa é o conteúdo e não a forma. Mas não existe aí uma certa identidade

entre forma e conteúdo, até certo ponto? Por exemplo, o Rio de Janeiro é um lugar quente. Nós poderíamos estar todos nus aqui. Por que não estamos? Porque existe qualquer coisa assim como um padrão social de comportamento que nos impõe uma forma, ou seja, o fato de estarmos vestidos. Na sociedade humana tudo funciona na base de forma, de rito. O fato de uma pessoa envergar um manto faz com que ela preste muito mais atenção em si mesma e leve muito mais a sério o autocontrole.

FLOR — Não me parece que você tenha muito entusiasmo por esse autocontrole. Como é que se concilia esse desapego, que parece ser a sua filosofia básica, com esse interesse por mulher, por comida e por sono que você acha tão natural?

KODO KUWAJIMA — Você pode pensar o que você quiser de mim.

Você tem toda a liberdade pra pensar assim. Se você não pode pensar mais nada além disso a meu respeito, está muito bem. Quem sabe se não é mesmo isso? Quanto a conciliar o desapego com o interesse pelas coisas naturais está aí novamente a integração entre os opostos.

Apegar-se, não apegar-se. O que importa é que a pessoa se abstenha de fazer aquilo que ache que lhe seja mau e que procure levar até o fim as coisas em que ela acredita, que ache que são boas. Por exemplo: vocês querem casar com uma pessoa, mas a família, os amigos são contra. Mas se vocês gostam da pessoa, lutem contra tudo isso. Agora, se vocês concordam com as objeções que as pessoas fazem, se está bem pra vocês assim, então, está bem. Como é que você vai impor algo absoluto a uma pessoa? Em última análise, todos os problemas se centralizam em cada um de nós e de cada um de nós se irradiam novamente pra refletir sobre a sociedade. A natureza vem pra nós, centraliza em nós e nós, por nossa vez, também voltamos e nos submergimos na natureza. O que acontece é que o homem não percebe, não toma consciência de certas coisas, mas isso não impede que elas sejam verdades. Quer o homem tenha consciência ou não, ele é parte integrante da natureza. Se vocês quiserem negar que o homem é parte da natureza, nós podemos perguntar de onde cada um de vocês nasceu? Nenhum de vocês sabe também para onde vai depois da morte.

FLOR — Eu fiz essa pergunta não por uma dúvida, mas procurando encontrar uma coerência. Eu acho perfeitamente natural que não se tenha entusiasmo pelo autocontrole. Eu mesma não tenho muito, não. Agora, você prega o autocontrole e prega por outro lado a naturalidade em tudo.

KODO KUWAJIMA — A essência do meu pensamento é que não há nada que se possa apresentar como absoluto, perfeito, etc.

FLOR — Você acredita que as drogas possam levar a experiências místicas, de ordem religiosa?

KODO KUWAJIMA — Eu não posso responder porque a minha experiência é muito limitada. Eu tomei LSD duas vezes, haxixe algumas vezes e marijuana também. A única coisa que eu posso dizer é que a experiência que eu tive não seria uma experiência natural. O que eu acho é que as pessoas que alcançaram uma experiência de concentração profunda através das drogas provavelmente não tiveram nenhuma experiência de concentração sem as drogas.

FLOR — Qual seria a diferença entre essas duas experiências?

KODO KUWAJIMA — Ai voltamos à mesma pergunta sobre Marte. Só uma experiência das duas coisas poderá definir a diferença. Suponhamos que uma pessoa nunca tenha visto uma maçã. Eu posso explicar pra ela que a maçã é uma coisa vermelhinha, cheirosa, gostosa. Será que isso vai tornar compreensível o que seja a maçã? É a mesma coisa.

Pra saber qual é a diferença entre a experiência de concentração com e sem drogas é preciso experimentar as duas.

FLOR — Você atribui maior valor a uma experiência dessas sem a pessoa ter tomado drogas? O fato de uma pessoa ingerir alguma coisa pela boca, coisa que todos nós fazemos, uma até três vezes ao dia, tiraria o valor da experiência?

KODO KUWAJIMA — Eu prefiro a experiência de meditação sem drogas simplesmente porque é mais fácil.

Você não precisa ficar gastando dinheiro. Com o seu corpo e com as capacidades que você tem dentro dele você pode chegar a uma experiência de meditação sem drogas.

FLOR — Eu acho esse argumento de não ter que gastar dinheiro muito considerável. Agora, fora esse argumento eu não vejo nenhum outro a não ser uma vaidade, um orgulho egoísta de dizer: ah eu sou capaz disso sem precisar de drogas. Isso não é verdade porque ele precisa de outras drogas e ingere outras drogas sempre.

KODO KUWAJIMA — Uma discussão sobre a validade ou não de uma experiência de meditação com ou sem drogas é na verdade um indício de uma falta de uma experiência de meditação. Àquele que tiver chegado a uma experiência profunda, a distinção entre uma coisa e outra deixa de ter sentido. Conseguir chegar a uma experiência de concentração pela meditação não é fácil. A primeira vez é muito difícil. Uma vez vivida a primeira, a segunda, a terceira são muito mais fáceis. Eu conversei com muitos hippies americanos que acham que a experiência com drogas é exatamente igual. Mas eu acho que isso é um erro porque eles não tiveram nenhuma experiência de meditação sem drogas. Eu experimentei as duas e achei uma diferença muito grande entre as duas. Se vocês duvidam do que eu digo, procurem viver as duas experiências e tirem por vocês mesmos a conclusão. Mas o que importa não é viver uma experiência de meditação. O que importa é viver a experiência, voltar com ela pra vida cotidiana e saber aplicá-la em tudo o que a gente faz. Se não fizermos isso, a experiência de meditação não valeu coisa nenhuma. Meditação pela meditação, experiência pela experiência não leva a nada. O que importa é saber pegar essa experiência, traduzi-la no nível da experiência cotidiana e ajudar não apenas a si mesmo, mas a toda a sociedade. Há vários meios para se chegar a uma experiência de meditação. O Hare Krishna é um meio, esses ritos afro-brasileiros podem ser outro meio. Mas é um caminho difícil. Eu não estou fazendo nenhuma propaganda da meditação Zen. Do ponto de vista da minha experiência pessoal, a meditação Zen foi o método mais fácil. Se vocês quiserem tentar a experiência, tentem também.

FLOR — O que que você acha da gula?

KODO KUWAJIMA — A gula é uma coisa natural. Quando a gente vê uma coisa gostosa, a gente quer comer. Não precisamos nos preocupar exageradamente com isso. Muitas vezes nós vemos coisas gostosas e se não comemos é porque alguma coisa nos impede de fazê-lo. Agora, se há condições pra nós comermos, nós comemos. Existem vários gostos em matéria de comida. Uns gostam de carne, outros gostam de verduras, outros de frutas. No fundo tudo é um problema subjetivo.

FLOR — Você já teve mulher ou têm?

KODO KUWAJIMA — Eu já tive experiências com mulheres, é claro. Quando eu era estudante tive várias experiências. Quando eu estava no colégio vivi alguns meses com uma moça. Agora, de seis anos pra cá, quando eu comecei meu treinamento, eu não tive mais.

FLOR — Você diz que tudo é subjetivo. Mas entre subjetividades existe alguma coisa que seria o objetivo. Um intermundo que essas subjetividades todas experimentam da mesma maneira. Eu gostaria de saber se essa coisa comum a todas as

subjetividades é, pra você, só a coisa material, sensorial, ou se você acha que existem outras realidades no inconsciente das pessoas, que poderiam se manifestar na imaginação, na fantasia e que sejam também parte desse intermundo.

KODO KUWAJIMA — É claro que existe alguma coisa de objetivo nesse plano, no mundo do inconsciente, da imaginação. Mas também é inegável que a própria captação desse mundo objetivo tem uma série de nuances dependendo de cada um.

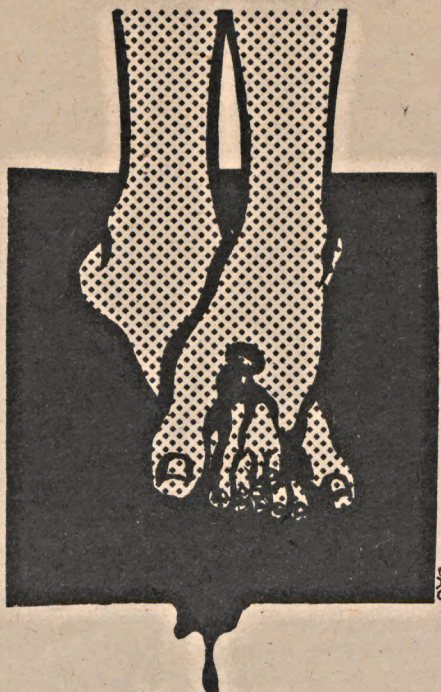
FLOR — Tem alguma coisa que você queira falar ainda? Alguma coisa especial?

KODO KUWAJIMA — Eu não me sinto nenhum sábio, nenhum homem perfeito, ilustrado pra dizer alguma coisa. Se eu me sentisse perfeitamente sábio eu não estaria com esse hábito peregrinando a pé pelo mundo.



"Se nós andarmos sempre pra direita vamos chegar num determinado ponto. Ou seja, os opostos se unem, se completam. Através dos opostos a gente chega no mesmo lugar."

PARÁBOLA 1



Pai, Pai, por que me abandonastes?

A estrela fixa é bela, radiante e calma; ela respira os celestes aromas e olha com amor as suas irmãs; vestida com sua roupagem esplêndida e a fronte ornada de diamantes, ela sorri, cantando o seu cântico da manhã e da tarde; goza um repouso eterno que nada poderia perturbar, e caminha solenemente, sem sair do lugar que lhe é determinado entre as sentinelas da luz.

Contudo, o cometa errante, todo ensanguentado e desganhado, acorre das profundezas do céu; precipita-se através das esferas tranqüilas, como um carro de guerra entre as fileiras de uma procissão de vestais e ousa afrontar a espada flamejante dos guardas do sol. O grande conselho dos astros se reúne, e a consternação é universal: a mais bela das estrelas fixas é, enfim, encarregada de falar em nome de todo o céu e propor a paz ao mensageiro vagabundo.

Meu irmão — diz ela — por que perturbas a harmonia das nossas esferas? Que mal te fizemos nós e por que, em vez de errar ao acaso, não te fixas no teu lugar na corte do sol? Por que deixas, flutuar através dos vapores da noite, a tua cabeleira, da qual escorre um suor de fogo? Se tomasses um lugar entre os filhos do céu, quanto parecerias mais belo! A tua fronte não ficaria mais inflamada pela fadiga de tua carreira inaudita; teus olhos seriam puros e tua fronte sorridente seria branca e avermelhada como a de tuas felizes irmãs; todos os astros te reconheceriam, e longe de temer a tua passagem, se alegrariam ao teu aproximar; porque estarias ligado a nós pelos laços indestrutíveis da harmonia universal, e a tua existência seria mais uma voz no cântico do amor infinito.

E o cometa responde à estrela fixa: Não creias, ó minha irmã, que possa errar ao acaso e perturbar a harmonia das esferas; Deus traçou meu caminho como o teu, e se a minha carreira te parece incerta e vagabunda é porque os teus raios não poderiam estender-se tão longe para abarcar o contorno da elipse que me foi dada por carreira. A minha cabeleira inflamada é o fanal de Deus; sou o mensageiro dos sois e fortaleço-me nos seus fogos para os partilhar no meu caminho aos novos mundos que ainda não têm bastante calor, e aos astros envelhecidos que têm frio na sua solidão. Felizes das estrelas que repousam e que brilham, como jovens rainhas, na sociedade tranqüila dos universos! Eu sou o proscrito que viaja sempre e tem o infinito por pátria. Acusam-me de incendiar os planetas que aqueço e de atemorizar os astros que ilumino; censuram-me de perturbar a harmonia dos universos porque não giro ao redor dos seus centros particulares e os prendo uns aos outros, fixando meus olhares no centro único de todos os sóis. Fica, pois, sossegada, bela estrela fixa, não quero tirar a tua luz tranqüila; pelo contrário, esgotarei por ti a minha vida e o meu calor. Poderei desaparecer do céu quando me tiver consumido; a minha sorte terá sido tão bela! Sabe que no templo de Deus ardem fogos diferentes que lhe dão glória; tu és a luz dos candelabros de ouro, e eu a chama do sacrifício: realizemos os nossos destinos.

Acabando estas palavras, o cometa sacode a sua cabeleira, cobre-se com a sua couraça ardente e se lança nos espaços infinitos em que parece desaparecer para sempre. (retirado de um evangelho gnóstico oriental por Eliphas Levi)

PARÁBOLA 2

“A verdade que se conhece é o pensamento vivo. A verdade é o pensamento que está em si mesmo; e o pensamento formulado é a palavra. Quando o pensamento eterno procurou uma forma, disse: “Faça-se a luz!” Ora, este pensamento que fala é o Verbo; e o Verbo diz: “Faça-se a luz, porque o próprio Verbo é a luz dos espíritos”.

A luz incriada, que é o Verbo divino, irradia porque quer ser vista; e quando diz: “Faça-se a luz!”, ordena aos olhos que se abram; cria inteligências. E quando Deus disse: “Faça-se a luz!”, a inteligência foi feita e a luz apareceu. Ora, a inteligência, que Deus tinha vertido do sopro da sua boca, como uma estrela desprendida do sol, tomou a forma de um anjo esplêndido e o céu o saudou com o nome de Lúcifer.

A inteligência despertou-se e compreendeu totalmente a si mesma ao ouvir esta palavra do Verbo divino: “Faça-se a luz!” Ela sentiu-se livre, porque Deus lhe tinha ordenado de o ser; e respondeu, levantando a cabeça e estendendo as suas asas: — Não serei a escravidão!

— Serás, pois, a dor? — perguntou-lhe a voz incriada.

— Serei a Liberdade! — respondeu a voz. O orgulho te seduzirá — retrucou a voz suprema — e produzirá a morte.

— Tenho necessidade de lutar contra a morte para conquistar a vida — disse ainda a luz criada.

Deus, então, desprende do seu seio o fio de esplendor que retinha o anjo soberbo e, vendo-o lançar-se na noite que assinalava de glória, amou o filho do seu pensamento e sorrindo com inefável sorriso, disse a si mesmo: “Como a luz era bela!”

Deus não criou a dor; e a Inteligência que a aceitou para ser livre, por aquele que é o único que se não pode enganar, porque é infinito.

Jamais a Inteligência teria sabido quanto Deus é bom, se nunca o tivesse perdido!

Quando tudo era luz, a luz não estava em parte alguma; ela estava contida no seio de Deus que estava em trabalho para a produzir. E quando disse: “Faça-se a luz!”, permitiu que a noite repelisse a luz e o universo saiu do caos.

A negação do anjo que, ao nascer, recusou ser escravo, constituiu o equilíbrio do mundo e o movimento das esferas começou.

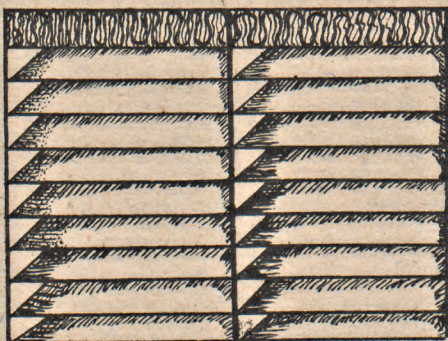
E os espaços infinitos admiraram este amor da liberdade, tão imenso para encher o vácuo da noite eterna e tão forte para suportar o ódio de Deus. Mas Deus não podia odiar o mais nobre de seus filhos, e só o experimentava, pela sua cólera, para confirmá-lo no seu poder.

Por isso, o próprio Verbo de Deus, como se tivesse inveja de Lúcifer, quis descer do céu e atravessar triunfalmente as sombras do inferno.

Quis ser proscrito e condenado; e meditou adiantadamente a hora terrível em que exclamaria, no extremo do seu suplício: “Meu Deus! Meu Deus! por que me abandonaste?”

(retirado de um evangelho gnóstico oriental por Eliphas Levi)

CAO



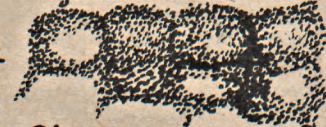
Caiu uma gota,
caíram duas gô-
tas e muitas ou-
tras. Caiam na
terra. Nasceu u-
ma flor; dela
nasceram outras.
Uns, eram flor.
(Nós)
Outros, terra.
(Eles)

Nós, recebíamos de-
les, o necessário pa-
ra seguirmos vivos.
Só um cabo nos ligava
a eles.
Nossos braços de folhas
murchavam e iam ca-
ir na terra de onde ti-
nham saído. Depois,
outras nasciam.

Em volta existia:
paredes,
portas,
janelas,
chão e
teto.

A janela existia para
nós e eles de dentro olhar-
mos para fora.
A Natureza entrava. Do-
dos, podiam sentir que ela
estava ali e tudo existia
por ela também.

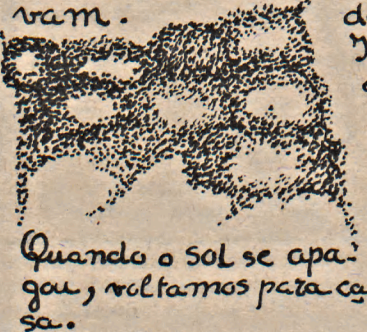
A janela emol-
durava. O pa-
no que servia
de cortina, era
levantado pelo
vento numa
brincadeira de
esconde-esconde,
onde a Natureza
gritava "Achoi!"



Chão de pedra.
Cadeiras de montes
de terra, cobertas de
grama.
O teto foi arrancado.
Quando chovia a gra-
ma crescia. Com sol
se esparramava.

Quando nós e eles vi-
mos que o que dava fe-
licidade era o que vi-
nha do céu e terra
são, vimos tanto que
acabamos virando
gente.
Gente, ama.
Todos juntos.

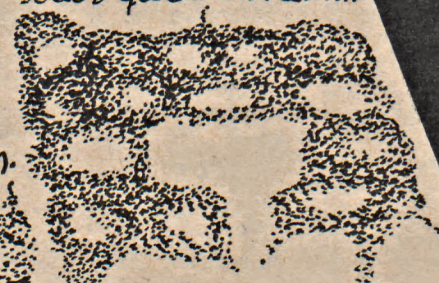
Depois veio o
mar a praia.
Todos se entena-
ram, afunda-
ram, flutua-
ram (leve).
A cor de uns era
azul; a cor de
outros: verde.
Todos se mistura-
ram.



Quando o sol se apa-
gou, voltamos para co-
sa.
Uns contavam histórias,
outros cantavam.
Não se seguia um só
ritmo, mil compassos
diferentes. O som que
saía era lindo. Som
e palavras nos ligavam.
A vida.



Agora a mi-
te.
Acabamos
todos juntos.
Na nossa (de
todos) casa.
Mesma cama.
Mesmo moti-
vo.
A cama feita
de folhas.
Mantimento de
espuma de sa-
bão.
Céu por cima.
Terra por baixo.
A espuma derre-
teu.
Dia de novo.
Recomeça, numa
nova forma.
Todos queriam assim.



Todos juntos.
Num
nunca
de
fim.

Uma Duarte

MEDITAÇÃO SEGUNDO O ARAHANT

A palavra "meditação" tem sido usada de diferentes maneiras. Aqui procuramos um outro significado.

Diz o Satipatthana-Sutta, ou discurso de Buddha sobre a meditação, que examinaremos a seguir, descobrindo a sua atualidade: "E além disso, ó monges, quando o monge vai ou vem, olha adiante ou em torno de si, tem plena consciência disto; quando estende ou encolhe os membros, tem plena consciência disto; quando veste as túnicas e leva a cuia da mendicância, tem plena consciência disto; quando come, bebe, mastiga, saboreia, tem plena consciência disto; quando caminha, está de pé, se senta, dorme, se desperta, fala ou guarda silêncio, tem plena consciência disto".

Esta é uma **prática** que se chama Caminho da Correta Compreensão Através da Plena Atenção.

É um outro rótulo para **despertar**, nascer através das cortinas da ilusão para o **que é**, para o real.

Normalmente, nós temos uma vida intelectual, qualquer que seja nosso nível intelectual, um viver que é criação da atividade pensante, no domínio das idéias, palavras e imagens. E que é pensamento, senão resíduo do passado registrado pelas faculdades da memória e estabelecimento de ilações, conclusões, comparações entre os elos desse passado? O pensamento, no seu primeiro nível, e não no mais profundo, quando já não é pensamento mas consciência intuitiva, o pensamento no nível verbal e imagístico é isto — o passado. Somos, portanto, criaturas do passado, produto do acúmulo de emoções, experiências, registros do que foi. Ao ver o novo ao desafio do presente, reagimos com o velho, com nossas conclusões do passado, das nossas experiências anteriores. E porque reagimos ao novo com os condicionados do passado é que não vemos o que é real, novo, verdadeiro.

Esta explicação do existir tem sido dada desde Buddha até Krishnamurti, que é um dos homens mais inteligentes deste mundo.

Portanto, que é real e verdadeiro? Não o serão os condicionamentos, o passado, o que não existe mais. Nem também, é claro, não será o que pensamos ser. O que pensamos é o que pensamos — pensamento, nada além disto. O futuro não existe nem nunca existirá. Seja o que existir no futuro, isto já será presente. Assim, onde estará o que é certo, sem hipótese, real e verdadeiro? Decerto que estará aqui e agora, na nossa frente, mas nós não temos a apreensão desta realidade, consciência dela, e se compreendêssemos o presente, se O vissemos não seríamos nós o que somos — seríamos um Buddha.

A palavra Buddha quer dizer isto: o Desperto. Vejamos o que significa Atenção pura, sem pensamento. Diz Krishnamurti que, se entramos numa sala e nos pomos imediatamente a pensar: "Não gosto daquele quadro. Este tapete é igual ao da casa de meu irmão. Ah, ali está o meu amigo Pedro. Que horas deve ser? Ali está o relógio. Aquela cadeira está muito cafona..." — não vemos a sala, não a podemos ver, já que estamos tão ocupados a pensar, e da sala só temos vagos estímulos visuais. Em outras palavras, se vejo um objeto, enquanto o vejo em silêncio interior, talvez esteja atento. No momento em que começo a pensar (o que ocorre imediatamente), quando aparece o pensamento: "Isto é uma pêra" — já deixei de ver, já me encontro distraído, pensando, pois todo pensar é um ato de distração, e não podemos ver e pensar ao mesmo tempo, embora julgemos que isto é possível. Pensar é uma evasão da realidade para outra

realidade, aquela do pensamento. Entretanto, de nenhuma dessas duas realidades não temos consciência, compreensão. E o pensamento somos nós mesmos. Se compreendermos o que o pensamento é, estaremos compreendendo o que nós somos. Quando pensei: "É uma pêra" — surgiu com as cinzas do passado, houve um deslocamento do ver para os reflexos memoriais, antigos, quando alguém disse que aquele objeto tem um nome "pêra", quando aprendemos que aquele objeto é da espécie dos que chamamos "frutas", ou algo que nasce no campo, algo que podemos pôr na boca, que tem tal sabor, etc.

Naturalmente, em determinado aspecto de nossas existências, na nossa vida prática e tecnológica, necessitamos desse acervo da memória desse acúmulo velho, desse fichário e de pensar com exatidão sem nada perder. O incondicionado é um absurdo, não existe no nosso nível de ser. Como também não existe o individual, porque somos o produto dos outros, do social, ou seja, da educação, da imprensa, da imitação, etc. Não estamos, porém, dizendo que tudo isto é lastimável, mas sim que devemos ter cada vez mais — ou de uma vez, como é o normal — consciência desta nossa natureza, de como somos criaturas condicionadas a agir de determinado modo. Que não somos originais, que somos o resultado da sociedade, da espécie. Se há um ato original, esse é uma **criação**, e só somos criadores quando espontaneamente abandonamos o passado e agimos com o novo.

Nada que lastimar, essa é nossa condição humana, e devemos ser antes de tudo seres humanos e como esses seres são. Mas se compreendermos nossa condição, nossa situação, que acontecerá? Sabe-se que sempre nos libertamos daquilo que compreendemos. Assim o principal de nossas vidas deve ser esse — a compreensão de como nos encontramos em existência, a compreensão de nossa situação de seres humanos. Sem essa compreensão, viver não tem significação, além de busca de prazer e fugir do perigo. Antes e principalmente devemos descobrir o fenômeno do viver. E como podemos realizar essa descoberta? Diz o Satipatthana-Sutta: "Só há um caminho, o que conduz à purificação dos seres, à conquista da dor e das penas, à destruição dos sofrimentos, à reta conduta, à experiência do **Nibbana**. Este é o da elevação da Atenção". (Majjhima-nikaya, 10, in W. Rahula. **What the Buddha Taught**. The Gordon Fraser Gallery, Bedford, Inglaterra, 1959 — um dos melhores estudos do Budismo, assim como Nyanapónika Mahathera et alii. **Initiation au Bouddhisme**. Éditions Albin Michel, Paris, 1968.) Nenhum mestre, nenhuma filosofia de vida nos pode ensinar isso, porque isso é intransmissível, como é impossível explicar a outra pessoa que gosto tem o açúcar. Dizia Buddha: "Os Tathagatas só mostram o caminho".

E mais:

**Longe de vós não há necessidade de olhar.
De existências mais altas, por que se ocupar?
Aqui, dentro deste agregado presente,
Dentro de vosso próprio corpo deveis vencer
[o mundo].**

Entretanto, se essa é uma tarefa pessoal, individual, podemos ver onde está o caminho. Assim é que desde Buddha (a palavra Buddha quer dizer "estado da completa compreensão", mas nós chamamos convencionalmente

assim ao príncipe Siddhathan que atingiu esse estado) que se praticam exercícios muito simples que produzem experiências muito significativas, para não dizer que Buddha e outros iluminados atingiram o estado de Arahant através desse modo de existir.

O primeiro e inicial elemento da meditação da Atenção é o uso das chamadas "notas mentais". Se queremos experimentar ficar em meditação durante algum tempo sentado (para não lembrar que viver deve ser um estado de meditação em

existência), primeiramente escolhamos uma posição confortável em que possamos

estar durante algum tempo sem nos mover nem ser perturbados. Não há necessidade de ser aquela posição ioga, basta uma cadeira comum. A seguir fechemos os olhos e observemos nossa atividade mental e outras coisas que nos interessem naquele momento. E usemos as "notas mentais", que são rótulos para que não nos esqueçamos de que estamos

observando, sem haver separação entre o observador e a

"coisa" observada. Assim, se fechamos os olhos e observamos que estamos

pensando, damos "nota mental" —

"pensando", "pensando" — e continuamos a observação. Se a seguir ouvirmos um ruído,

na rua, damos "nota mental" — "ouvindo",

"ouvindo" — e continuamos ouvindo. Se por acaso sentirmos uma pequena dor no braço, damos "nota

mental" — "sentindo", "sentindo" — e continuamos

sentindo. O importante é que possamos ficar em estado de observação e as notas mentais

são feitas sempre que ocorrer algo novo, e servem para não nos

esqueçermos (como ocorre quase sempre) de que estamos em observação e não nos deixemos levar pelo fio mágico do pensamento discursivo ou visual,

pelos reflexões e lembranças.

Essa é outra maneira de autodescobrimento. Um processo de observação sobre si próprio. Se queremos compreender (o que não significa tirar uma conclusão)

um quadro, temos de observá-lo com atenção, o que não quer dizer **pensar** nele enquanto o

vemos. E para observar algo com atenção temos de amar essa coisa observada,

identificar-nos inteiramente com ela, pois só nos interessamos por aquilo que amamos. Só nos aproximamos daquilo que amamos.

Amar é estar em relação com, é essa atenção sem escolha, é esse aproximar-se silencioso,

esse comungar em que há completo auto-esquecimento espontâneo.

Sem esse sentimento de amor não estamos em meditação. Essa é uma forma delicada de amar-nos a nós mesmos, pois só assim saberemos amar ao próximo, mesmo que esse próximo seja um

pequeno inseto.

A medida que desenvolvemos nossa capacidade de atenção, entramos em relação mais fácil com

nossa capacidade de intuir. Compreender é, por definição, um apercebimento

intuitivo, que nos diz se algo é ou não verdadeiro, real. E assim, sabendo o que é

real, daremos às nossas vidas um significado mais rico, mais

criador.

O único monge budista que existe no Brasil é o Venerável Bhikkhu Annuruddha. Estamos falando

que ele é um monge, o que não quer dizer que ele pregue alguma religião. Budismo

não é uma religião, embora se faça religião com o budismo à revelia do próprio

ensinamento do Buddha. O monge Annuruddha já deu até um curso de meditação num mosteiro

católico, com grande aceitação, pois é aberto a todas as religiões. Ele é, inclusive, um grande professor

de cristianismo. Para aqueles que quiserem conhecê-lo, ele se encontra todas as noites

num templo na rua Imperatriz Leopoldina, n° 8, 18° andar, onde há meditação.

ROGEL SAMUEL

"Abre teus olhos de amor e olha Aquele que penetra este universo. Observa-O bem e sabe que se encontra em teu próprio meio. Quando encontrares o verdadeiro Mestre (interno), Ele despertará o teu coração. Ele te falará do segredo do AMOR, da abnegação e da PAZ, e então saberás certamente como Aquêlê transcende este universo. O mundo que vês é a "Cidade da Verdade"; suas estradas labirínticas encantam ao coração. Podemos alcançar a saída sem **atravessar o caminho**, este interminável afã. Aí onde a multiforme ronda dos deleites dança eternamente ao seu redor, aí está a glória da Eterna Beatitude. Quando chegarmos a conhecer Isto, então todas as nossas aceitações, renunciamentos e negações estarão consumadas. Daí por diante, o fogo do egoísmo (ou "O fogo que nunca se apaga", segundo Cristo) nunca mais nos queimará, e a paz completa reinará em nossos corações..."

("CIEN POEMAS" cap. LXXVI — Kabir)

Alguém da mocidade florida exclama a outro alguém: "Paz e Amor, Bicho! (ou Bixo?), o qual responde com a mesma frase, fazendo o sinal em "V" ao levantar os dois dedos da mão, sem saber, às vezes, que com esse simples gesto está imitando um famoso estadista e político do passado, homem um bocado egotista, arrogante e estuto, que salvou seu país de uma situação embaraçosa e delicada, e cuja memória ainda é bastante reverenciada por aquelas partes.

"Paz e Amor!" aqui e "Paz e Amor!" ali, e todos repetem "Paz e Amor!", como se estivessemos gozando realmente de um verdadeiro estado de PAZ e AMOR. E são sempre as palavras, essas fabulosas rainhas que criam e matam a outros fantasmas a fazerem o seu jogo de encantamento e ilusão, antepondo-se à triste realidade humana do dia-a-dia, em que "o homem ainda é um lobo para outro homem", e longe está daquilo que deveria ser a verdadeira PAZ e AMOR.

Pudesse um extraterrestre chegar até nós, se não fôsse previamente informado de nosso atual "delírio verbal-amoroso" certamente se encantaria com o que dizemos e acreditaria que nós (ou pelo mínimo, os mais jovens) vivemos num verdadeiro paraíso de PAZ e AMOR.

Bem, mas fazendo algumas

Beem, mas fazendo algumas concessões e deixando de lado certo ceticismo necessário, não resta dúvida que é realmente bonito observar as tentativas de renovação de boa parte da nova geração no relacionamento humano. Os moços todos imbuídos em ideais e boas intenções proclamam aos quatro ventos "Paz e Amor!" e mais "Paz e Amor!", duas simples palavras, tão carregadas de motivação psicológica, mais sentimental que construtiva. Todavia repetir e mais repetir tais termos, sem que atrás haja um quê de real e vivido não faz sentido algum. As palavras não captam nem traduzem o fato (ou o estado) que chamamos "PAZ e AMOR". As palavras só podem suscitar o aparente, o falso, um sentimentalismo barato e piegas, uma santarrônica balofa e uma hipocrisia gritante, haja a vista que por causa dessa verborreia atual, até alguns conhecidíssimos "lobos humanos disfarçados de cordeiros" acharam bacana entrarem no embalo verbal da "Paz e Amor!". Eles também, numa evidente tentativa de engrandecimento e autopromoção, repetem a tão badalada frase enriquecida com outras conhecidíssimas dos Evangelhos. É o proselitismo fútil que só pode impressionar os menos avisados, os quais concluem nunca ter existido seres tão bonzinhos, cristãos

Paz e Amor

autênticos. E dizer que o verdadeiro Cristo não cansava de alertar essas raposas, dizendo: "QUANDO AUXILIARES O PRÓXIMO, NÃO FAÇAS TOCAR A TROMBETA DIANTE DE TI COMO FAZEM OS HIPÓCRITAS NOS TEMPLOS E NAS RUAS, PARA SEREM GLORIFICADOS PELOS HOMENS... QUANDO AJUDARES O PRÓXIMO NÃO SAIBA A TUA MÃO ESQUERDA O QUE FAZ A DIREITA..." (Mat. VI-2 e)

Mas o que temos de fazer para que esse estado fabuloso que traduzimos com as palavras "paz e amor" brote extravase em nossos corações? Bem, nada, absolutamente nada! Ou pelo menos, deveríamos estar atentos em não confundir palavras com vivências ou estados de alma, nem tampouco tentar manter tais vivências de forma permanente em nossa memória. As palavras só podem reter o que é morto, o que cabe na memória, e essas rainhas da ilusão matam o Vivo, que entre outros aspectos é exatamente PAZ e AMOR.

Não terá alguém reparado como as palavras facilmente suscitam em nós idealismo fúteis? Outro alguém já não se apercebeu de que pelo simples fato de ler ou de ouvir alguém falando em paz e amor, logo fica todo elevado e fervoroso, **PENSANDO** (o que é mau, pois não passa de memória verbalizada) em sair pelo mundo a fora, a fim de salvá-lo e enchê-lo de PALAVRAS "amor", quando esse mesmo mundo morre por falta do AMOR essencial, verdadeiro e silencioso e também por uma verborreia nefasta e excessiva, própria dos meios de comunicação, que nada tem a ver com o Real.

Quanto misticismo tolo os dizeres "Paz e Amor" andam provocando por aí! Que o misticismo seja bom ou mau não se discute, mas nós podemos confundir delírios místicos próprios de uma Idade Média com autênticas vivências, geralmente discretas e silenciosas. Esse ressurgir do fervor místico busca apenas suplantir um outro balofo e renitente que já existia e é conhecido por todos. Sua substituição por outro resultará, talvez, num verdadeiro lógro. Seria o mesmo que trocar "alho por bugalho".

Minha gente, nosso mundo (ou em outras palavras, nosso meio ambiente que em última instância somos nós mesmos) precisa realmente de muita PAZ e AMOR, mas como poderemos enchê-lo dessa sublime essência se costumamos antepor as palavras do ego aos fatos do SER, ou se mesmo chegamos a forjar pseudos fatos com as palavras? É absurdo ficar repetindo "amor!", "amor!" quando estamos saturados de "ego" e seus engendramentos. Quando falamos de ego, queremos nos referir ao egoísmo, egolatria, etc. em nós.

É preciso primeiro que compreendamos as nossas limitações e hipocrisias, (próprias do "eu") para que uma vez superadas, transborde realmente o estado AMOR, de dentro para fora, o qual traduzir-se-á em nosso meio como uma verdadeira PAZ.

Se o "eu" em nós fôsse silenciado, ou se se restringisse à sua condição de subalterno ("Vem após mim, ou atrás de mim Adversário", dizia Cristo ao Tentador...) que aconteceria? A nossa sufocante lógica levar-nos-ia a crer que ficaríamos vazios, sem expressão alguma. Todavia acontece o contrário: vazios somos e estamos agora em que o ego-memória nos subjugue e tal situação só é compreendida (sem que haja alguém que compreenda) pelo **AUTOCONHECIMENTO**. Com o "eu" há escravidão, limitação e deturpação; sem o "eu" há consciência pura, espontânea e livre. Havendo ego não há PAZ e AMOR. Ao sumir-se o "eu" salta fora a verdadeira Vida em nós e fora de nós que é PAZ, AMOR, felicidade, liberdade e sabedoria.

Além do que dissemos, provavelmente alguém haverá de duvidar de que do interior do homem possa brotar ou transbordar alguma coisa. Como isso raciocinará algum condicionado, se a Ciência biológica-materialista já vasculhou tudo o que havia no interior do homem e não encontrou nenhuma essência, salvo as conhecidíssimas entranhas? Acontece contudo que a Ciência nunca conseguiu vislumbrar ou alcançar o interior de seja lá o que fôr e sim só as aparências externas ou uma incógnita exteriorizada. Toda a vez que a Anatomia, Biologia, Histologia, Citologia, Cirurgia, etc. dizem estar mexendo no interior do homem, o que realmente provocam é somente a exteriorização de "ALGO" interno que É, e que sempre escapa, e que se não viesse a ser visto ou reconhecido ainda pertenceria ao reino da Verdade, reino do instante dinâmico, inabordável, intraduzível, difícil de capturar e explicar. Esse "ALGO" uma vez supostamente exteriorizado e memorizado deixa de SER e passa à condição "JÁ ERA", reino da ilusão e das aparências.

A Ciência jamais alcançou ou alcançará o INTERIOR ou REAL de seja lá o que fôr. E o Interior que acreditamos tornar exteriorizado não é o INTERIOR ou REAL de seja lá o que fôr. E o Interior que acreditamos tornar exteriorizado não é o interior autêntico, o que é, ou o Desconhecido, que nenhuma razão e intelecto-memória consegue apreender e sim apenas desagradável superficialidades e multiplicidades inúteis.

Parafraseando Shakespeare, nós também poderíamos declarar (Que os admiradores desse grande escritor nos desculpem pela imitação...):

"ENTRE O EXTERIOR E O INTERIOR DAS CRIATURAS E COISAS HÁ MAIS VERDADE E ESSÊNCIA DO QUE TODOS OS RAMOS CIENTÍFICOS DO CONHECIMENTO POSSAM CAPTURAR E ANALISAR..."

Reforçando ainda a nossa sugestão que não passa de sugestão, acrescentamos as palavras do grande sábio e poeta Fernando Pessoa:

O único mistério do Universo é o mais e não menos.

Percebemos demais as coisas (por causa da análise) — eis o erro, a dúvida.

O que existe transcende para mim o que julgo que existe.

A realidade é apenas real e não pensada.

O Espelho reflecte certo; não erra porque não pensa.

Pensar é essencialmente errar (e torcer as coisas...)

Errar é essencialmente estar cego e surdo...

(Ficções do Interlúdio —

Poemas completos de A. Caetano)

Portanto, voltando ao nosso tema, nós ao invés de ficarmos desejando a paz e o amor, conforme as manias de nosso ego, temos que parar de desejar, para que a PAZ e o AMOR sejam. Quem ama, ama e não fala em amor. E quem muito fala sobre o AMOR realmente não ama, salvo se, como Cristo une o ato à palavra ou faz da palavra o ato. Quando digo amo, já não amo, porque o amor em mim deixou de ser Vida para se transformar em conscientização ou dado da memória.

Por que é que o mundo jamais gozou de uma verdadeira PAZ? Porque muito se fala a respeito da paz, mas não se pratica. E quando se pratica, fazemo-la com segundas intenções. A PAZ e o AMOR, uma coisa só, na essência é um estado natural do homem não condicionado ao "ego". A verdadeira PAZ e AMOR que nenhum de nós conhece (pois não pode ser retida como um dado da memória) é como o fluir espontâneo das águas da Vida fluir sempre livre e harmônico, que não suscita qualquer atrito ou conflito. Será que estas nossas palavras conseguiram sugerir o que é PAZ e AMOR? Duvidamos muito; de qualquer modo, somos obrigados a utilizarmos-nos delas, essas grandes mistificadoras. Estamos apenas comunicando superficialidades e não cremos nem pretendemos que as palavras venham a suscitar **VIVÊNCIAS**...

"Abre teus olhos ao amor e olha sem condicionamento algum Aquele que está em ti e em teu próprio meio. Observa-o bem e sabe que Ele é UNO e que só Ele é. Libertando-te das trevas psicológicas que há em ti (por causa do eu-memória), o teu coração despertará e te falará do segredo do AMOR, da abnegação e da PAZ, e saberás que se o homem não pode conhecer isso é por causa dele próprio e ninguém mais. O mundo que vês é a "Cidade da Verdade", é o "AQUI" em seu próprio instante que muda no instante seguinte, não havendo um "Aqui" igual a outro, ou um "Aqui" global chamado esfera-mundo. Quando este último é assim percebido suas estradas labirínticas então encantam o coração e o extraviam da Realidade. O homem avisado e atento pode sair deste labirinto chamado vida do ego e seu mundo, sem ter que se submeter a misticismos e ascetismos inúteis. Aí onde a multiforme ronda dos deleites sensoriais próprios do ego dança eternamente ao redor da Verdade, aí está a glória da Eterna Beatitude. Quando chegarmos a conhecer o SER ou a VERDADE VIVA, então todos os nossos sim, não, ou quem sabe estarão consumados. Daí por diante o fogo do ego (egoísmo, egotismo, egolatria) nunca mais nos queimará e o AMOR e a PAZ completas reinarão em nossos corações...

E. Bono

CATULO: AMOR, HUMOR, RANCOR

o poeta: um Poeta

I
Vivamos, minha Lésbia, e amemos.
E as graves vozes velhas
— tôdas —
valham para nós menos que um

[vintém.
Os sóis podem morrer e renascer:
quando se apaga nosso fogo breve
dormimos uma noite infinita.
Dá-me pois mil beijos, e mais cem,
e mil, e cem, e mil, e mil e cem.
Quando somarmos muitas vezes mil
misturaremos tudo até perder a conta:
que a inveja não ponha o olho de
[agouro
no assombro de uma tal soma de
[beijos.

II
Salve, môça de nariz não mínimo,
de pé não lindo,
de olhos não negros,
de dedos não longos,
de boca não breve,
de linguagem não muito distinta,
amiga do debochado Formiano.
A ti, beleza de província,
compatam minha Lésbia?
O século sem graça e sem raça!

III
Não faço o mínimo, César, para te
[agradar
nem quero saber se és branco ou preto.

o tradutor: um aramista

Catulo de Verona (84?-54? a.C.),
play-boy e poeta latino — de amor,
humor e rancor —, reimaginado
em português.

Ezra Pound: "Catullus,
Propertius, Horace and Ovid are
the people who matter. Catullus
most". E ainda: "The most
hard-edged and intense of Latin
poets..."

Vejo em Catulo sobretudo a
"logopéia": "a dança do intelecto
entre as palavras" (Pound) ou
"a poesia da gramática (Jakobson).
A dialética sutil das formas que
articulam um conteúdo lépido,
conversacional, "vers de société",
fino e grosso, entre carinho e
escárnio.

Tarefa do tradutor: andar sôbre
arames. Livre e prêso. Tudo aqui se
faz por um triz. Colhêr o nôvo em
vão rasante sôbre o trivial.
Flagrar o disparo sintático.

A imagem ao alcance da mão:
concreta.

Táticas (algumas): o coloquial, a
gíria, a palavra enxuta, o corte
gráfico, o contracanto do som e
sentido, o salto supraliteral. É
preciso ser mais catuliano do que
Catulo (às vezes) para recuperar
o movimento evasivo do original,
emperrado pela mera translação
semântico-fiel — lastro morto.

SÃO PAULO, 1971
HAROLDO DE CAMPOS

o editor: um cavaleiro

A Editôra Noa Noa (o nome
Noa Noa é uma homenagem a
Gauguin) nasceu em 65 quando
editei o meu **10 Poemas**, totalmente
escrito a mão e ilustrado com
xilogravuras impressas diretamente
dos tacos. Em 66 compramos uma
velhíssima prensa tipográfica
manual, alguns tipos e partimos
para o livro tipográfico com
características artesanais (composição
manual, papel fabiano cortado a
mão, capas e ilustrações impressas
diretamente das matrizes, etc.).
Ainda em 66 editamos um pequeno
livro, feito com sobras de papel e
impresso em condições
precaríssimas: **Poemas Estrangeiros**
(Blake, Laforgue, Ezra Pound,
Yeats e outros), que vendemos a
preço de custo. Em 69 editamos o
meu **13 Poemas do poeta,**
cavaleiro sem cavalo e tipógrafo
Cleber Teixeira, com capa de
Roberto Magalhães. Em 70 editamos
Mallarmagem (poemas de Mallarmé
traduzidos por Augusto de Campos)
e o meu **Armadura, espada, cavalo e**
fé. 1971 — em andamento: o
folheto mensal **Poe** (homenagem a
Edgar Allan Poe e o **Catulo: amor,**
humor, rancor, Catulo "reimaginado
em português" por Haroldo de
Campos. O livro deverá ficar pronto
em fevereiro de 72.
CLÉBER TEIXEIRA

EIS O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NAS
PÁGINAS DO Nº 5 DA FLOR:

ROMANCISTA BURROUGHS CONTINUA
A FALAR DE SUA EXPERIÊNCIA COMO
DEPENDENTE DAS DROGAS

LUIZ OTÁVIO PIMENTEL TRATA DO LIVRO
DE SÃO TOMÉ, EVANGELHO APÓCRIFO,
UM DOS DOCUMENTOS MAIS IMPORTANTES DO
CRISTIANISMO GNÓSTICO, DESCOBERTO HÁ APENAS
POUCOS ANOS.

MEDITAÇÃO: UM TEXTO DE ROGEL SAMUEL, DO CEN-
TRO DE MEDITAÇÃO DE SANTA TERESA.

PAULO GOMIDE. MAUTNER. GRILO.
LUIZ CARLOS MACIEL. E O ÚLTIMO
CAPÍTULO DO ROTEIRO TURÍSTICO
DO RIO DE WALY SAILORMOON.
E MUITO MAIS, É CLARO.

O PASQUIM Empresa Jornalística S.A. —
Presidente: Sérgio Cabral. Vice-Presidente:
Sérgio Jaguaribe. Diretor-Financeiro: José
Grossi. Diretor-Administrativo: Maria The-
reza Taboada Pinheiro. FLOR DO MAL —
Editor-Responsável: Sérgio Cabral. Editor:
Tite de Lemos. Equipe: Rogério Duarte,
Dicinho, Torquato de Mendonça, Ana Ma-
ria, Leila, Vera Duarte, Waly Sailormoon,
Capinam, Célia Maria, "Moleque Pereira".
Teixeira, Luiz Carlos Maciel, etc. Redação
e Administração: Rua Clarisse Índio do
Brasil, 32 — Telefone: 226-4764, Rio, GB.
Impresso na AGGS Indústrias Gráficas S/A
(Rua Luís Câmara 535 — Olaria, GB).
Distribuição exclusiva para todo o Brasil:
DIJOLIR — Distribuidora de Jornais, Li-
vros e Revistas Ltda. — Rua Clarisse Índio
do Brasil, 30 — Rio, GB.



Começaste a enlouquecer de nôvo não é cobrinha multicolor? Quando parares de te agitar tanto talvez eu permita que tu me dêes uma mordidinha, tá? Daqui até à casa de Bernarda Alba ainda faltam muitos quarteirões.

Poderemos nos distrair pelo caminho a lamber os paralelepípedos orvalhados pois amanhã que está pintando começará a me incendiar de forma progressiva até o escândalo do meio-dia. Nem me fale dos olhos que crescerão nas órbitas até o horizonte das paisagens, nem da erva verde que acompanhará para sempre os nossos pés para os pecados deflagradores. Afogaste-me na piscina, no caldeirão das tintas e deixaste o mel da tua boca lasciva escorrendo pelos meus ouvidos atordoados. Deixe esta absurda guanabara servir como pavilhão solene. Darei algumas voltas em tórno dos teus cabelos que são a tua única possibilidade de se confundir com o vento. Crescerão feios sóis de gordura nas narinas do bicho papão. O fôrça maior tem o dom de amarrar os membros e iniciar um diálogo verdadeiramente tropical e terapêutico.

ROGÉRIO DUARTE